



QUINZE ANOS  
— do —  
PET SERVIÇO SOCIAL:

memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados

Simone Eliza do Carmo Lessa  
(Organizadora)

Atena  
Editora  
Ano 2022



QUINZE ANOS  
— do —  
PET SERVIÇO SOCIAL:

memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados

Simone Eliza do Carmo Lessa  
(Organizadora)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# Quinze anos do PET serviço social: memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Simone Eliza do Carmo Lessa

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q7      Quinze anos do PET serviço social: memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados / Organizadora Simone Eliza do Carmo Lessa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0475-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.750221508>

1. Serviço Social. I. Lessa, Simone Eliza do Carmo (Organizadora). II. Título.

CDD 360

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Dedicamos esse livro à memória da  
Professora Monica Alencar

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a jornada compartilhada a todas as tutoras, a todas e todos estudantes petianos. Agradecemos também aqueles que constroem o cotidiano do PET conosco, estudantes e professores da FSS, PET de Odontologia e Geografia, colegas assistentes sociais que estiveram em nossas atividades, comunidade externa.

Nosso carinho especial à memória da Professora Monica Alencar, tutora competente e amorosa.

Uma vez petiano/a, sempre petiano/a.

O PET existe, porque resiste.

## **APRESENTAÇÃO**

Este livro é resultado do trabalho coletivo dos últimos três anos e meio do PET Serviço Social da UERJ. Suas reflexões reúnem a culminância de quinze anos de trabalho cuidadoso de seis tutoras e quase seis dezenas de estudantes que passaram pela rica experiência pedagógica de estar longamente em uma proposta de ensino-aprendizagem que reúne o ensinar, pesquisar e fazer extensão, em uma universidade pública, diversa, defensora e executora de política de cotas, que recebe muitos filhos e filhas da classe trabalhadora.

Com alegria, empenho e orgulho reunimos nossas recentes reflexões.

## SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO**..... 1

**CAPÍTULO 1**..... 2

A IMPORTÂNCIA DO PET SERVIÇO SOCIAL UERJ NA PERMANÊNCIA ESTUDANTIL E NA CONSTRUÇÃO DE UMA FORMAÇÃO DEMOCRÁTICA E PLURAL

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7502215081>

**CAPÍTULO 2**..... 8

GÊNERO, RAÇA E CLASSE: PRESENTES NA TEORIA E NA PRÁTICA DO PET SERVIÇO SOCIAL UERJ

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7502215082>

**CAPÍTULO 3**..... 14

O PERFIL DOS PETS DA UERJ: APRENDIZADOS MÚLTIPLOS, TRABALHO COLETIVO E PERMANÊNCIA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7502215083>

**CAPÍTULO 4**..... 30

VIVÊNCIAS, MEMÓRIAS E REFLEXÕES SOBRE A TUTORIA DO PET SEREVIÇO SOCIAL - ENTREVISTAS COM AS TUTORAS EGRESSAS

Thayná Osório Monteiro  
Catarina Almeida dos Santos  
Danielle Gomes de Oliveira  
Fernanda Cristina de Assis Silva  
Heliziane Franco de Oliveira  
Jônatas dos Reis Nogueira  
Larissa Cardozo Teixeira  
Liandra Priscilla Paz Santos  
Luana El-Amme Jayme  
Mayara Mendes de Oliveira  
Natalia da Silva Neves  
Rosiane Bettecher da Silva  
Renan Barros  
Larissa Gonçalves Gomes  
Isabela de Araújo dos Santos  
Bruno Hiago dos Santos Ferreira  
Lucas Simplicio  
Simone Eliza do Carmo Lessa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7502215084>

**CAPÍTULO 5**..... 49

PET SERVIÇO SOCIAL UERJ 15 ANOS DE MEMÓRIA: A CONJUNTURA POLÍTICA DO BRASIL ENTRE O PERÍODO DE 2006 A 2021 E OS IMPACTOS GERADOS NO

## PROGRAMA

Thayná Osório Monteiro  
Catarina Almeida dos Santos  
Danielle Gomes de Oliveira  
Fernanda Cristina de Assis Silva  
Heliziane Franco de Oliveira  
Jônatas dos Reis Nogueira  
Larissa Cardozo Teixeira  
Liandra Priscilla Paz Santos  
Luana El-Amme Jayme  
Mayara Mendes de Oliveira  
Natalia da Silva Neves  
Rosiane Bettecher da Silva  
Simone Eliza do Carmo Lessa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7502215085>

**SOBRE OS AUTORES ..... 53**

## INTRODUÇÃO

Ser tutora de um programa como o PET é uma experiência pela qual ninguém passa ileso. As marcas são muitas e nos fazem crescer: trabalho, aprendizado, debate e decisões coletivas, cultivo de amizades. O cotidiano no Programa nos dá a oportunidade de acompanhar intensamente o desenvolvimento de um grupo de estudantes ao longo da graduação, conhecendo-os em seus contatos iniciais com a universidade, a profissão, passando pelo estágio, pela construção de suas pesquisas, projetos de intervenção, TCCs, chegando em muitos casos, à conclusão do curso. Há muito tempo de convívio e de trocas nesta caminhada coletiva.

Além disso, o programa tem como princípios as práticas coletivas, democráticas, partilhadas de modo horizontal, o que permite uma aproximação ainda maior com os estudantes. Por isso, o PET é um importante espaço de aprendizado estudantil e docente, que nos desenvolve e envolve do ponto de vista pedagógico, crítico, reflexivo e científico.

Neste livro queremos partilhar artigos construídos na caminhada do programa, com destaque para os últimos três anos e meio. Estes foram elaborados em resposta às demandas da realidade, na maior parte do tempo, no contexto da pandemia diante dos muitos desafios que esta experiência trouxe para todos nós: atividades remotas emergenciais e os muitos aprendizados solicitados, dificuldades financeiras aprofundadas por períodos de instabilidade das bolsas, fragilidades das redes de internet, crescimento do sofrimento físico e mental na universidade. Passamos por esses momentos de percalços entendendo o PET também como espaço de afeto e acolhimento. A pergunta “como estamos” fez parte dos nossos encontros remotos e nos ajudou durante o isolamento social. Por agora estamos retomando a energia vital que o presencial nos traz. São tempos de retomada, de esperança e de luta.

Nosso livro é expressão desse momento esperançoso. Nele apresentamos reflexões construídas ao longo dos últimos três anos e meio. Aqui apresentaremos reflexão sobre os sentidos do PET, sua relevância para a permanência, debateremos o perfil dos petianos da UERJ, bem como falaremos da experiência das tutoras que coordenaram o programa. Para tanto, realizamos diálogo com autores do Serviço Social, como Almeida (2012) e Lima (2009) e Zago (2006) também da Educação como Frigotto (1993).

O que nos move no empenho em dividir reflexões é a memória das lutas e do aprendizado do PET. Por isso, queremos comemorar e rememorar. Estamos vivos, vivas e, agora, ao vivo.

## A IMPORTÂNCIA DO PET SERVIÇO SOCIAL UERJ NA PERMANÊNCIA ESTUDANTIL E NA CONSTRUÇÃO DE UMA FORMAÇÃO DEMOCRÁTICA E PLURAL

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo apresentar a proposta do grupo PET Serviço Social UERJ, analisando a importância do Programa de Educação Tutorial na formação acadêmica e na permanência estudantil durante a graduação, tendo em vista seu caráter formador, cultural, cidadão e de estímulo a uma vida acadêmica multiplicadora de saberes. Para tanto, lançaremos mão de dados sobre as experiências dos petianos no PET Serviço Social UERJ. Este artigo foi apresentado no Encontro Nacional dos PETs em 2019 e tem como autoras Mayara Mendes de Oliveira; Amanda Goulart dos Santos Machado; Catarina Almeida dos Santos; Claudemilson Andrade Martins da Cunha<sup>1</sup>; Fernanda Cristina de Assis Silva<sup>1</sup>; Fernanda Feitosa Góes Terra Lachini; Heliziane Cristina Franco de Oliveira; Larissa Cardozo Teixeira<sup>1</sup>; Luana El-Amme Jayme<sup>1</sup>; Priscilla Nunes Alves Moreira; Rafaella Peres Ennes de Souza<sup>1</sup> e Rosiane Bettecher da Silva<sup>1</sup>. Orientadora: Simone Eliza do Carmo Lessa.

**PALAVRAS – CHAVE:** Educação; PET; Serviço Social; UERJ.

### INTRODUÇÃO

Toda proposta pedagógica contém em si uma visão de mundo. No PET não é diferente. Sua base filosófica está fundamentada em uma formação que articula o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, que valoriza a democracia, a horizontalidade e a cidadania, expressando

seu compromisso com a construção de uma sociedade mais justa.

O Programa de Educação Tutorial (PET) está baseado no Ministério da Educação (MEC), mas originalmente, em sua criação em 1979, esteve vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Seu objetivo é prover a articulação do Ensino, Pesquisa e Extensão no nível de graduação, a partir de experiência de estudo com o apoio de um professor tutor. Ao longo do desenvolvimento da proposta, materializamos acréscimo a este objetivo inicial, a importância da multiplicação da experiência do PET para além de seus muros, por meio da organização de atividades gratuitas para estudantes não petianos, comunidade interna e externa, contribuindo diretamente e indiretamente na formação daqueles que passam por suas vivências formativas. Portanto, o PET tem em si a valorização do aprendizado de seus integrantes, mas não se encerra em si mesmo, pois deseja impactar positivamente sobre a formação de todos os sujeitos com quem dialoga.

O PET da Faculdade de Serviço Social existe há quase dezesseis anos. Pelo programa já passaram 06 professoras tutoras e 47 alunos, que organizaram coletivamente uma experiência formativa de qualidade. Podem acessar o PET alunos até o quarto período, aprovados em

processo seletivo formado pela elaboração de uma redação e uma entrevista, podendo permanecer como petianos até a conclusão do curso. Em um curso como o Serviço Social, em que a presença de alunos trabalhadores é bem evidente, o PET tem funcionado como experiência de valorização da permanência, de aprofundamento e multiplicação da formação e de combate à evasão.

O tema da permanência tem grande relevância, especialmente, se considerarmos que estamos falando da Universidade pioneira das cotas instituída desde 2003 e recentemente renovada até 2028<sup>1</sup>. Estas foram concretizadas a partir da mobilização da sociedade civil, protagonizada pelo movimento negro especialmente. Todos os direitos posteriores, sem exceção (acesso às oficinas formativas, à bolsa, ao material didático, ao restaurante universitário, à possibilidade de acúmulo de bolsas) foram conquistados a partir de lutas diversas de todos os segmentos universitários.

A política de cotas da UERJ atende a estudantes denominados de “carentes”<sup>1</sup> oriundos de escolas públicas, deficientes e autodeclarados negros e indígenas. A UERJ de cotas é uma realidade exitosa desde 2003. Nesta reflexão queremos pensar nos impactos do PET para nossos alunos, muitos deles cotistas, em relação à permanência de qualidade.

## **METODOLOGIA**

Neste material, ainda de caráter embrionário e exploratório, queremos pensar nos impactos do PET para a permanência estudantil. Metodologicamente, para elaboração do nosso estudo, partimos dos documentos referenciais do PET, de legislação estadual sobre as cotas, dialogamos com a reflexão de Balu-Roque (2012) e indicamos dados quali-quantitativos do programa na Faculdade de Serviço Social na UERJ. Com essa articulação de informações e saberes, vamos pavimentar nossa caminhada para a reflexão em estudo inicial que articula o PET, as cotas e a permanência.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Pretende-se aqui levantar discussões acerca da inserção dos filhos da classe trabalhadora no Ensino Superior Público, espaço este de predominância histórica dos filhos das classes mais abastadas da sociedade brasileira. Queremos relacionar a experiência da UERJ no sistema de reserva de vagas com a inserção e permanência dos alunos no Programa de Educação Tutorial a fim de compreender como este pode influenciar na trajetória acadêmica e cidadã dos bolsistas, em especial do PET FSS/UERJ contribuindo para o ensino mais democrático.

O Ensino Superior no Brasil é pensado tardiamente, em relação a outros países da América Latina. Com a chegada da Família Real e sua corte ao país, em 1808, a

<sup>1</sup> Lei nº 8.121, de 27 de setembro de 2018, que amplia a experiência das cotas até 2028.

nobreza e sua infraestrutura para cá se mudam, trazendo na bagagem o modelo europeu de universidade. Como elementos históricos deste processo queremos citar a criação das primeiras instituições formativas de nível superior, com destaque para as áreas de Medicina e Direito. Tais instituições se fixam na Bahia, Recife, São Paulo e Minas Gerais, localidades de destaque frente à economia agroexportadora.

Mais de um século depois da fundação das primeiras instituições de Ensino Superior, ocorrerá sua expansão, em uma realidade de capitalismo periférico, onde a predominância da geração de postos simples de trabalho para a grande maioria da massa trabalhadora, não exige a ampliação e a popularização do conhecimento complexo (FRIGOTTO, 1993). Ainda assim, a educação superior será uma demanda crescente do movimento de trabalhadores, das camadas médias urbanas e no final dos anos 1950, se constituirá em importante bandeira de luta dos movimentos por reformas de base (FRANCO, 2008).

De fato, a efetivação da expansão universitária ocorrerá nos anos de 1970, estando relacionada à ditadura militar que a executa através de instituições privadas nos grandes centros urbanos. Naquele momento havia a necessidade de formar mão-de-obra especializada para um Estado que crescia em atividades, instituições e para um mercado de trabalho urbano em expansão. Tal ampliação intencionava, ainda, minimizar as demandas das camadas médias urbanas por vagas universitárias, em um contexto de repressão das oposições (ROMANELLI, 2001). Como exemplo da expansão, ressaltamos que em 1960 existiam 200 mil matrículas nesta modalidade e que em 1980 esse número chega 1,4 milhões, localizados principalmente na rede privada (SAMPAIO, 2011).

Nas últimas décadas, resumidamente, podemos afirmar que a Educação Superior terminou por se constituir em um modelo em que predominam as instituições privadas, de pequeno porte, portanto, não universitárias, protegidas legalmente da necessidade de realizar pesquisa e extensão, marcadas cada vez mais por uma recente e inadequada expansão da modalidade de educação a distância – EAD -- (FRANCO, 2008). Além disso, podemos registrar a ocorrência de um aligeiramento da formação que não poupa a Educação Superior (LESSA, 2017).

Posta esta breve apresentação da Educação Superior no Brasil, podemos avaliar que sua construção, em uma realidade de país periférico, atendeu muito mais às necessidades das elites econômicas, da acumulação e de segmentos produtivos específicos, do que aos anseios da população trabalhadora.

A UERJ é uma instituição protagonista na ampliação do acesso ao Ensino Superior através da absorção de um corpo estudantil trabalhador. É pioneira na década de 1970 em oferecer *courses noturnos* diversos. Isto permitiu que alunos-trabalhadores almejassem matrícula nesta instituição. A localização do campus principal em região servida de transportes variados, inclusive para bairros periféricos e para a região metropolitana do Rio, permite o acesso do público que reside mais distante. Soma-se a isto, a criação da

política de cotas em 2003, revelando novamente o protagonismo uerjiano na absorção de estudantes de frações da classe trabalhadora.

A chegada destes alunos e as lutas empreendidas pela comunidade universitária concretizaram a criação de mecanismos que permitiram sua permanência. Oficinas de apoio acadêmico, abertas a todos os estudantes, inclusive os não cotistas, já no primeiro ano da vigência das cotas, bolsa para os cotistas, o acesso ao material didático e, mais recentemente, a criação do Restaurante Universitário, além da possibilidade em acumular a bolsa das cotas às acadêmicas. Nesta primeira década e meia de vivência das cotas, a universidade se mostra mais democrática, mais diversa, mais popular, embora seus mecanismos de acesso e permanência, em especial a experiência da atenção ao estudante, ainda se mostre dotada de lacunas, precisando ser aperfeiçoados.

Responsável pela gestão das cotas na UERJ, a Coordenadoria de Articulação e Iniciação Acadêmicas, CAIAC, nos informa no Levantamento de 2018 o detalhamento situacional dos alunos das reservas de vagas-cotas entre os anos de 2003 a 2017, no qual 80.986 são alunos ingressantes e 24.286 são cotistas. Desse número de alunos cotistas, 6.672, correspondem aos evadidos. O número de alunos não-reservistas que evadiram é de 21.156. Neste sentido, a evasão de cotistas representa cerca de 30% em relação aos alunos evadidos que se encontram na reserva de vagas. Esses números evidenciam o êxito no acesso e permanência desses alunos na universidade pública.

Dito isto, vamos tratar da importância do PET/FSS/UERJ durante a graduação desses bolsistas, sob a perspectiva elucidada ao longo do texto. Isso porque entendemos que tal visão vai de encontro com os princípios do Programa, que garante também em suas normativas uma bolsa-auxílio para permanência desse estudante, salvo que só os grupos PET MEC têm esse suporte.

A defesa de uma Universidade pública e democrática se materializa na luta pela ampliação das condições de acesso e permanência dos estudantes. Para que isso ocorra é necessário reduzir os efeitos de uma política de educação brasileira desigual, tardia e fragilizada. A sociedade brasileira deve reconhecer o papel fundamental do ensino superior para o desenvolvimento social do Brasil. Para isto acontecer é essencial democratizar o ingresso à universidade.

A criação de programas de ações afirmativas, tais como a bolsa permanência e a reserva de vagas para estudantes oriundos de escolas públicas e estudantes negras, indígenas e deficientes são medidas importantes na luta por uma Universidade pública de qualidade. Entendemos que o PET se aproxima destas iniciativas que impactam na permanência, uma vez que o Programa conta com uma bolsa e com ações formativas que se refletem positivamente na integração do estudante petiano na Universidade. Neste sentido, vale destacar, por exemplo, que em treze anos de atividades junto à FSS, somente 02 alunos deixaram o curso. Além disso, apesar de não fundamentar sua seleção, exclusivamente,

em coeficiente de rendimento, verificamos que o PET impacta positivamente nas notas dos estudantes e na construção de sua autonomia e maturação intelectual.

Na intenção de destacar o cotidiano do PET, sinalizamos algumas atividades realizadas, planejadas anualmente, relativas ao Ensino, Pesquisa e Extensão, que compõem as rotinas do PET, em suas 20 horas de trabalho coletivo semanal. No campo do Ensino, citamos a orientação acadêmica (atendimento direto tutor-aluno), os grupos de estudos, seminários internos, oficina de texto e minicursos temáticos. No campo da pesquisa, realizamos oficinas de estudos coletivos (a última foi sobre “Violência de Gênero na UERJ”), além da participação em eventos científicos. No campo da Extensão, destacamos o mural informativo (organizado mensalmente), a rota cultural, a Mostra PET, roda de conversa sobre a atuação profissional, recepção de calouros da Faculdade de Serviço Social/UERJ.

## CONCLUSÕES

Conforme exposto, a construção da Política de Educação no Brasil não esteve historicamente proposta como alternativa e resposta às necessidades do povo brasileiro pobre. Somente a partir da década de 2000 legislações e decretos de reserva de cotas são outorgadas. Desde então, as políticas de reserva de vagas nas universidades públicas estão reformando e transformando o ambiente universitário. Neste sentido entendemos a experiência do PET Serviço Social UERJ – entre tantas das possibilidades que este Programa sustenta – como uma oportunidade de permanência universitária. Isso, em virtude das bolsas oferecidas aos integrantes do Programa e mais ainda em razão dos vínculos obtidos ao longo da convivência coletiva, como também das trocas solidárias e motivadoras construídas nos espaços do PET.

Portanto, o PET Serviço Social UERJ é mais do que uma experiência formativa, cidadã e crítica. É também uma oportunidade do bolsista do Programa se manter na universidade, no enfrentamento cotidiano dos desafios inerentes ao ensino superior, confiando no Programa enquanto possibilidade de vivência qualitativa e suporte acadêmico<sup>2</sup>.

A devolução dos dados levantados a partir dessa pesquisa poderá contribuir para trazer visibilidade ao PET, demonstrando a importância de sua continuidade para que a educação possa ser democratizada dentro da Universidade.

## REFERÊNCIAS:

CAIAC, Coordenadoria de Articulação e Iniciação Acadêmica. **Programa de Ação Afirmativa**. Disponível em: <http://www.caiac.uerj.br/cotas.html>. Acesso em: 8/4/2019.

---

2 Em 2019 o PET Serviço Social da UERJ incluiu em seu processo seletivo, a reserva de vagas para alunos autodeclarados negros. Trata-se de ação pioneira, fundamentadas nos debates ocorridos no ENAPET 2018.

\_\_\_\_\_. **Avaliação Qualitativa dos dados sobre desempenho acadêmico.** Disponível em: <http://www.caiac.uerj.br/avaliacoes.html>. Acesso em: 8/4/2019.

\_\_\_\_\_. **Levantamento de Cotas 2018.** Disponível em: [http://www.caiac.uerj.br/documentos/LEVANTAMENTO\\_2018.pdf](http://www.caiac.uerj.br/documentos/LEVANTAMENTO_2018.pdf). Acesso em: 8/4/2019.

FERNANDES, F. **O desafio educacional.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

FRANCO, A. de Pinto. **Ensino Superior do Brasil: cenário, avanços e contradições.** In: Jornal de Políticas Educacionais. 4 v., jul/dez, 2008. Disponível em: [http://www.jpe.ufpr.br/n4\\_6pdf](http://www.jpe.ufpr.br/n4_6pdf). Acesso em: 27/2016.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva.** São Paulo: Cortez, 1993.

LESSA, S. E. do C. **Assistência estudantil brasileira e a experiência daUERJ: entre a inovação e o atraso na atenção ao estudante.** Editora: Revista da Universidade do Estado do Rio de Janeiro EM PAUTA, Rio de Janeiro- 1º semestre de 2017- nº39, v. 15, p. 155-175.

\_\_\_\_\_. **A política de Assistência Estudantil; ente êxitos e incompletudes.** Editora: Revista Praia Vermelha- Estudos de Política e Teoria Social, Rio de Janeiro- Jul/Dez 2015, n. 2, v. 25, p. 461-483.

ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil (1930/1973).** São Paulo: Vozes, 2011.

SAMPAIO, H. **O setor privado de Ensino Superior no Brasil: continuidades e transformações.** In: Revista Ensino Superior, Unicamp, 2011. Disponível em [https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ed04\\_outubro2011/05\\_ARTIGO\\_PRINCIPAL.pdf](https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ed04_outubro2011/05_ARTIGO_PRINCIPAL.pdf). Acesso em: 24/04/2016.

## GÊNERO, RAÇA E CLASSE: PRESENTES NA TEORIA E NA PRÁTICA DO PET SERVIÇO SOCIAL UERJ

**RESUMO:** O presente trabalho visa apresentar as principais atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão desenvolvidas pelo Programa de Educação Tutorial (PET), da Faculdade de Serviço Social (FSS), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), realizadas entre os anos de 2016 e 2018, cujos eixos temáticos estiveram focados na discussão entre gênero, raça e classe, buscando contribuir para a formação acadêmica, crítica e cidadã dos/as bolsistas e demais estudantes, a partir de temas tão essenciais na sociedade brasileira. Este artigo foi elaborado a partir da experiência de pesquisa realizada com a Tutora Carla Cristina Almeida e foi apresentado ao Pré Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, realizado em 2019. Tem a autoria de Catarina Almeida dos Santos; Amanda Goulart dos Santos Machado<sup>1</sup>; Claudemilson Andrade Martins da Cunha; Fernanda Cristina de Assis Silva<sup>1</sup>; Fernanda Feitosa Góes Terra Lachini; Heliziane Cristina Franco de Oliveira; Larissa Cardozo Teixeira; Luana El-Amme Jayme; Mayara Mendes de Oliveira; Priscilla Nunes Alves Moreira; Rafaella Peres Ennes de Souza<sup>1</sup>; Rosiane Bettecher da Silva<sup>1</sup>; Tutoras Carla Cristina Almeida e Simone Eliza do Carmo Lessa.

**PALAVRAS – CHAVE:** Ensino, Pesquisa e Extensão; Atividades; UERJ

### INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Serviço Social da Universidade

do Estado do Rio de Janeiro debruçou-se, entre os anos de 2016 e 2018, sob o eixo temático de “gênero, raça e classe”. Desde então, diversas atividades foram realizadas envolvendo as categorias destacadas.

Este trabalho objetiva trazer as principais atividades realizadas durante este período, reforçando a indissociabilidade da tríade “ensino, pesquisa e extensão”, pois, conforme descrito no Manual de Orientações Básicas (MOB), de 2006, esta constitui-se em um dos objetivos do Programa, ou seja, a melhoria do ensino de graduação por meio da integração e articulação da tríade nas atividades desenvolvidas.

### METODOLOGIA

Para análise de dados relativos às atividades realizadas o grupo conta com o auxílio de documentos que dão orientação acerca do Programa, sendo eles, o planejamento anual, as normativas, Portarias e o Manual de Orientações Básicas.

Ensino – Orientação acadêmica, grupos de estudo, seminário interno, oficina de texto e minicursos temáticos.

Pesquisa – Oficina de pesquisa, pesquisa coletiva sobre “Violência de Gênero na UERJ” e participação em eventos científicos.

Extensão – Mural informativo, rota cultural, Mostra PET, roda de conversa sobre a

atuação profissional, recepção de calouros/as da Faculdade de Serviço Social/UERJ.

Destacaremos, a seguir, algumas atividades dessa tríade, realizadas ao longo dos anos de 2016 a 2018 e que foram de extrema importância para o aprendizado coletivo dos/as bolsistas e de pessoas ligadas indiretamente com o Programa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o ano de 2016 até o ano de 2018, foram realizadas diversas atividades centradas na discussão de gênero, raça e classe, das quais aqui, serão destacadas algumas delas.

No que diz respeito à Pesquisa, as primeiras discussões, nos grupos de estudos, permearam gênero, patriarcado e violência contra a mulher, sendo esta última, tema de recepções de calouros/as. A princípio, a pesquisa coletiva a ser desenvolvida debruçava-se sobre a temática gênero. No entanto, a discussão sobre violência ampliou-se, no momento em que se decidiu, coletivamente, voltar os estudos do grupo para a temática da violência contra a mulher no âmbito universitário, uma vez que o território onde se discute mais frequentemente esse fenômeno diz respeito ao ambiente doméstico, privado. Anteriormente a esta pesquisa, identificamos apenas uma pesquisa havia sido localizada<sup>1</sup> com a temática.

Após debate em grupo, decidiu-se por ampliar a discussão para a questão LGBT, englobando também, a interseccionalidade entre raça e classe, entendendo que essas categorias não devem ser descoladas do debate de gênero. Sendo assim, a pesquisa, intitulada “Violência de Gênero na Universidade”, foi realizada no Centro de Ciências Sociais e abarcou dez cursos<sup>2</sup>, obtendo a participação de 324 estudantes.

Através dos dados coletados, pudemos observar que a violência psicológica teve maior destaque, se comparada à violência física no ambiente acadêmico. Os resultados foram apresentados para a comunidade acadêmica e serão entregues à reitoria, a fim de contribuir para estudos e para a elaboração de medidas que visem reduzir ou acabar com essas práticas na universidade.

A pesquisa foi apresentada em eventos científicos. Dentre eles, o Sudeste PET 2018, o ENAPET 2019 e o XX Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), em 2018.

Abordando o eixo do Ensino, seguindo na perspectiva de estudos de gênero, raça e classe, foi proposto ao grupo, pela tutoria, uma oficina de leitura de literaturas construídas por importantes mulheres na história brasileira. Tal oficina teve o objetivo de conhecer essas literaturas, reconhecer em seus trabalhos esses conceitos e dar visibilidade a autoras

<sup>1</sup> Pesquisa realizada pelo Instituto Avon/Data Folha, no ano de 2015, sobre a “Violência contra a mulher no Ambiente Universitário”. Ver mais: [http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon\\_V9\\_FINAL\\_Bx20151.pdf](http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf)

<sup>2</sup> Os cursos que participantes da pesquisa são: Administração, Arqueologia, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Direito, Filosofia, História, Relações Internacionais e Serviço Social.

negras do mercado editorial.

Foram disponibilizados livros de Maria Carolina de Jesus (Quarto de Despejo e Diário de Bitita), Conceição Evaristo (PonciáVicêncio, Olhos d'Água e Histórias de leves enganos e parencas), Clarice Lispector (A hora da estrela) e uma coletânea de contos que reúne dez escritoras negras, no livro Olhos de Azeviche. Em nosso grande evento de final de ano, fizemos uma exposição aberta ao público, das principais obras dessas escritoras e uma mesa de discussão das referidas obras, contando experiências pessoais a partir dessa leitura.

Além disso, realizamos com frequência, a atividade do grupo de estudos, que consiste na leitura, discussão e debate da bibliografia, previamente definida em reuniões sistemáticas do grupo, com vistas ao aprofundamento teórico do tema geral de trabalho do ano. Discutimos textos científicos e literários sobre gênero, sexualidade e raça/etnia. Destacamos a leitura de Nardi (2013), "Armário da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero" e Collins (2015), "Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão".

Foram realizados também, seminários internos, que visam à socialização de procedimentos técnicos e normativos que envolvem a realização das ações do PET, bem como estudamos resultados de pesquisas e projetos de extensão realizados com o objetivo de fomentar as atividades planejadas pelo grupo. Logo, cabe destacar o seminário apresentado por Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o tema "Racismo para leigos", através da qual pudemos fomentar o debate para a pesquisa coletiva.

Outra atividade importante realizada, os minicursos temáticos, abertos para o público, consistem em aulas ministradas por estudantes da Pós-graduação em Serviço Social da FSS/UERJ, sendo uma atividade que articula o PET à pós-graduação e propicia o aprofundamento de temas relacionados à formação profissional. Dentre os diversos minicursos realizados, destacamos dois que foram ministrados por petianas egressas e mestrandas, com os temas: "Ocupação das escolas e novas demandas ao trabalho do Assistente Social", e "Transexualidades: o direito à identidade de gênero anula o direito ao trabalho?".

Já em relação à Extensão, o PET Serviço Social tem como alguns exemplos de atividades: PET debate, rota cultural, PET de portas abertas, roda de conversa com assistentes sociais. O PET Debate é um momento de aprofundar estudos e reflexões em torno de determinado tema, através da apresentação de estudos, pesquisas e reflexões de especialistas e convidados/as. Nesta atividade, se estabelece interlocução com a linguagem artística e cultural. A partir dessa proposta, foi realizado, no ano de 2017, a apresentação da peça "A Prosa Delas não é de Panelas", do grupo de teatro de rua "Do Buraco Sai O Quê?".

Realizada na Concha Acústica da universidade, a peça promoveu debates e reflexões acerca do papel das mulheres na sociedade e contou com a participação de pessoas que passavam pelo espaço da apresentação e paravam para assistir. Essa atividade teve grande colaboração no processo de estudos do grupo sobre a temática.

A Rota Cultural é uma atividade que realiza visitas a locais que proporcionem às/aos bolsistas, formação cultural ampla, fora do ambiente acadêmico. Assim, foram realizadas rotas culturais no Circuito conhecido como “Pequena África”, no qual visitamos o antigo quilombo da Pedra do Sal; o Sítio Arqueológico Cais do Valongo, local em que desembarcavam africanos/as escravizados/as e que foi reconhecido em 2017 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (*UNESCO*) como Patrimônio Mundial; o Cemitério dos Pretos Novos, no qual eram enterrados/as africanos/as escravizados/as, chamados “Pretos Novos”, dos quais, ou morriam após embarcarem nos navios ou ao chegar à cidade, e não chegavam a ser vendidos/as, por isso o nome “Pretos Novos”; o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, destinado à pesquisa, à investigação e à preservação do patrimônio e memória africana.

Além disso, também estivemos na exposição “EX Africa”, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Trata-se da maior mostra de arte contemporânea africana realizada no Brasil, com mais de 90 obras dos principais nomes das artes visuais do continente. Esses percursos trouxeram muito enriquecimento para nosso debate sobre a questão racial.

Como exemplos de outras rotas culturais fundamentais para compreender a importância de valorizar a cultura nordestina e a arte popular brasileira, temos a visita ao Museu Casa do Pontal, maior museu de arte popular do país, com acervo de 8.500 peças de 300 artistas do Brasil e ao Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, a feira de São Cristóvão, recanto da cultura nordestina do Rio de Janeiro.

O PET de Portas Abertas é o evento no qual é apresentado para a comunidade acadêmica interna e externa o resultado da pesquisa desenvolvida ao longo do ano. Em 2018, realizamos o grande evento “Gênero, raça e classe presentes!”.

O evento, que também se inscreve como devolução de pesquisa, foi composto por duas mesas, todas apresentadas por alunos/as petianos/as. Na primeira mesa, foram apresentadas obras literárias de autoras trabalhadas durante o ano, como Maria Carolina de Jesus, Conceição Evaristo e Clarice Lispector, cuja tônica das falas era trazer à tona as questões de gênero, raça e classe expostas nas histórias contadas, relacionando-as com as vivências das alunas que compuseram a mesa.

A segunda mesa apresentou os dados coletados na pesquisa “Violência de Gênero na Universidade”, realizada na UERJ. As apresentações culturais trouxeram a voz do rap e das batalhas de rima, com apresentações do coletivo Poetas Favelados, Poetas de Niterói

e também do aluno bolsista do PET Serviço Social, Dinho Andrade, do Rima na Palavra.

A atividade “roda de conversa sobre a atuação profissional” consiste numa mesa composta por profissionais que atuam em diferentes campos de atuação do Serviço Social. Esta atividade possibilita aos/às alunos/as de graduação a aproximação com o exercício profissional e as possibilidades de atuação do/a assistente social. A atividade visa ampliar o conhecimento dos/as alunos/as acerca da profissão em geral, promovendo o debate do percurso teórico-metodológico e ético-político percorrido pela profissão nos campos de atuação.

Como exemplo, podemos citar a Roda de Conversa com a Assistente Social do Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio (PARES/Cáritas), que aconteceu em 2018 e contou com a presença de alunos/as e profissionais da área do Serviço Social.

Também temos como exemplo, a Roda de Conversa “Políticas Públicas e Violência Contra a Mulher, da Vítima ao Agressor”, realizada em 2017, com as assistentes sociais do Juizado de Violência Familiar e doméstica de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro e pesquisadora que estudava a judicialização da Lei 11340/2006, a Lei Maria da Penha. A atividade teve o objetivo de trazer conhecimento a respeito da atuação profissional no atendimento às mulheres vítimas e aos homens, autores de violência doméstica.

## CONCLUSÃO

A partir deste resumo, foi possível observar que apesar de determinadas atividades estarem separadas, estas se relacionam entre si, o que reforça a indissociabilidade da tríade. Sendo gênero, raça e classe, assuntos de extrema importância a serem debatidos na sociedade contemporânea, o PET Serviço Social UERJ faz cumprir os objetivos do Programa, discutindo temas atuais e relevantes, tanto para o exercício profissional do futuro assistente social quanto para a sociedade, estimulando assim, o pensamento crítico e cidadão dos bolsistas, bem como dos alunos graduandos e da comunidade externa que dialoga com o PET cotidianamente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Programa de Educação Tutorial – PET. Manual de Orientações Básicas. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=338-manualorientbasicas&category\\_slug=pet-programa-de-educacao-tutorial&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=338-manualorientbasicas&category_slug=pet-programa-de-educacao-tutorial&Itemid=30192)>. Acesso em: 09/04/2019.

COLLINS, Patrícia Hill. Em direção a uma nova visão: Raça, Classe e Gênero como categorias de análise e conexão. Reflexões e práticas de transformação feminista. Sempre Viva, São Paulo, p. 13-42, 2015.

CENTRO LUIZ GONZAGA DE TRADIÇÕES NORDESTINAS. História. Disponível em: <<https://www.feiradesaocristovao.org.br/historico>>. Acesso em: 15/04/2019.

INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA PRETOS NOVOS. Disponível em: <<http://pretosnovos.com.br/ipn>>. Acesso em 15/04/2019.

Lei Maria da Penha – LEI 11340/06. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <<https://pres-republica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>>. Acesso em 15/04/2019.

Museu Casa do Pontal. Arte Popular Brasileira. Histórico. Disponível em: <<http://www.museucasadopontal.com.br/pt-br/hist%C3%B3rico>>. Acesso em: 15/04/2019.

NARDI, Henrique Caetano et al. O “armário” da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. Revista Teoria & Sociedade, 2013.

## O PERFIL DOS PETS DA UERJ: APRENDIZADOS MÚLTIPLOS, TRABALHO COLETIVO E PERMANÊNCIA

**RESUMO:** Apresentamos reflexão sobre o perfil dos PETS da UERJ, a saber, Serviço Social, Geografia e Odontologia. Os dados presentes no texto foram apresentados em nosso Intrapet (Encontro de PETS da UERJ) em 2021. Elaboraram o artigo: Catarina Almeida dos Santos; Fernanda Cristina de Assis Silva; Heliziane Cristina Franco de Oliveira; Larissa Cardozo Teixeira<sup>1</sup>; Luana El-Amme Jayme; Mayara Mendes de Oliveira; Rosiane Bettecher da Silva, Liandra Priscila Paz Santos, Jônatas dos Reis Nogueira; Thayná Osório Monteiro, Danielle Gomes de Oliveira; Natalia da Silva Neves; Renan Barros, Larissa Gonçalves Gomes, Isabela de Araújo, Bruno Hiago dos Santos Ferreira, Lucas Simplicio. Orientadora: Simone Eliza do Carmo Lessa.

### 1 | INTRODUÇÃO

A compreensão dos PETS, suas características, potencialidades e demandas passa pelo conhecimento do seu perfil estudantil e de seus tutores, das instituições onde o trabalho se desenvolve e das conjunturas em que o programa se inscreve. Reconhecendo a relevância desta experiência, neste artigo vamos discutir o perfil dos estudantes petianos/as e os impactos do Programa de Educação Tutorial na permanência estudantil na UERJ.

Em nossa hipótese partimos da ideia da relevância da bolsa – que apesar de demandar reajuste e ter datas de pagamento

instáveis -- apoia economicamente estudantes petianos/as, mas vamos além desta constatação. Queremos pensar na importância do aprendizado no cotidiano do PET e das vivências proporcionadas no Programa para o usufruto da experiência universitária e para a permanência estudantil. Assim, queremos refletir sobre o quão significativo é o suporte proporcionado pela experiência petiana no fortalecimento do aprendizado, na descoberta e usufruto do espaço universitário e, também, no pertencimento material e simbólico (SANTOS, 2009) à vida acadêmica.

Para subsidiar esse estudo traçamos perfil dos estudantes petianos/as da nossa universidade, relacionando-o às reflexões da nossa pesquisa denominada “Educação Superior: acesso e permanência”. Para tanto, foram encaminhados questionários virtuais a todos os petianos/as entre fevereiro e março de 2020, já no contexto da pandemia e do isolamento social.

Consideramos que este estudo é dotado de relevância social, especialmente em uma conjuntura em que a universidade pública, nacionalmente, sofre com cortes de verbas, ataques à ciência, em especial às Ciências Sociais e Humanas, desconsiderando o papel relevante de ambas as áreas de conhecimento na construção de um país que pensa, constrói políticas sociais de qualidade, democráticas e

redistributivas, em diálogo com as demandas reais da população.

Entendemos que estar, concretamente na universidade pública vai além de conseguir uma vaga e estar matriculado na mesma. Por isso, nossa motivação neste estudo é pensar a relevância do PET na permanência estudantil, material e simbólica, de modo a contribuir com análises neste campo e, quiçá, com a elaboração de políticas futuras para efetivamente estar na universidade.

Em termos de metodologia construímos um estudo exploratório quali-quantitativo em que a relação entre sujeito e objeto é intensa e implicada, pois quem pesquisa possui vivências comuns com o estudado. Em outras palavras, somos petinos/as conhecendo o perfil e a experiência de estudantes na mesma condição. A construção deste conhecimento é, portanto, implicada, coletiva, dotada de proximidade/identificação entre quem pesquisa e quem é pesquisado (PRATES, 2012), fundamentada em princípios éticos do Serviço Social e da pesquisa.

Assim, como seres sociais em diálogo com outros seres sociais, estamos entrelaçados em nossa experiência comum de formação – a condição de estudantes petianos/as, jovens em suas primeiras vivências na Educação Superior, matriculados em uma universidade pública, pioneira nas cotas, mas dotada de apenas três grupos PET. Essa proximidade nos une, mas não deixa de lado as particularidades de cada grupo.

Nosso objetivo é conhecer o perfil e a realidade da permanência dos petianos/as - sob a perspectiva da criticidade, tentando ir além do que é aparente, isolado e individual. Desejamos saber um pouco mais sobre quem são esses estudantes e de forma breve, quais são suas origens e como permanecem na UERJ, considerando as contradições contidas nestes processos, em especial em uma universidade que pratica cotas e recebe cerca de 33% de estudantes oriundos desta experiência (CAIAC, 2019), apesar de 45% de reserva de vagas para este grupo.

A teoria que nos orienta faz a crítica da nossa sociedade desigual, em que direitos fundamentais, inclusive educacionais, são negados à juventude trabalhadora e periférica. Falamos do marxismo que possui capacidade de revelar a sociedade capitalista em sua historicidade, totalidade, dinamicidade, contradições, sua desigualdade e exploração fundantes, bem como pela possibilidade de reconstruir as múltiplas, intrincadas determinações e mediações que compõem o nosso objeto (MARX, 1985). Esta forma de conhecer nos apoia na compreensão das condições sociais concretas em que o PET se constrói e as forças que constituem este processo. Nesta perspectiva, produção de conhecimento, análise e luta política por uma sociedade menos desigual estão, profundamente, intrincados.

Finalizando o percurso metodológico de elaboração do nosso estudo, destacamos nosso diálogo com autores da educação e do Serviço Social, entre eles Frigotto (1993)

falando da produtividade da escola improdutiva, Zago (2006) refletindo sobre os filhos da classe trabalhadora na educação superior e Lima (2013) e Seki (2021) tratando da recente expansão precarizada desse segmento educacional.

Para materializar a nossa análise distribuímos 44 questionários aos petinaos/as dos grupos da UERJ, mobilizando-os via internet para adesão à pesquisa, visto que já estávamos em isolamento social. Obtivemos 30 respostas, o que nos dá 68,1% da amostra total. Trabalhamos com os eixos “renda família e trabalho, identidades e condições para permanência”.

Assim fundamentados com dados e pela teoria, realizaremos o nosso estudo refletindo sobre a sociedade contemporânea, a política de educação, com destaque para a universidade, as condições de permanência e o perfil dos PETs.

## **2 | DESENVOLVIMENTO: A UNIVERSIDADE BRASILEIRA**

Os avanços advindos das lutas sociais que culminaram na redemocratização da sociedade brasileira nos anos 1980, impactaram positivamente na educação, especialmente no nível fundamental, em suas séries iniciais. Os demais segmentos educacionais possuem lacunas na permanência e no acesso, compondo um quadro de efetivação de uma política tardia, pois somente foi implementada ao longo do século XX, incompleta visto que nossos níveis educacionais são baixos -- 16% dos brasileiros/as possuem Educação Superior -- se comparados a países de economia similar e implementada de modo desigual, visto que a educação desenvolvida em territórios mais ricos, difere de territórios mais pobres.

Vale destacar que a ampliação da escola pública é um fenômeno urbano que se expande gradualmente, após 1930. A escola básica se expande nas capitais e vai se tornando uma instituição visível e importante na vida social. A ditadura civil-militar de 1964 ataca fortemente essa instituição, ainda em expansão, por meio do seu desfinanciamento (SAVIANI, 2008). Por sua vez, a educação superior privada foi expandida neste mesmo período pela ampliação destas instituições (DAHMER, 2010) com destaque para o modelo dos Centros Universitários.

De fato, é preciso lembrar que a universidade brasileira tem vida recente, datando somente do século XX, enquanto em outros territórios latinoamericanos as instituições universitárias são bem mais antigas, como no Perú, Santo Domingo, Cidade do México (Sec XVI), Bogotá e Assunção (Sec XVIII), por exemplo. No Brasil, como nos diz Schwarcz e Starling (2019) a criação de estabelecimentos nacionais isolados datam da chegada da Corte Portuguesa ao Brasil. Nesse contexto são criadas as primeiras instituições de formação superior: as Escolas de Cirurgia e Anatomia da Bahia e do Rio de Janeiro, que são marcos desse nível de ensino.

A criação tardia das universidades no Brasil e os históricos baixos níveis de acesso

à educação por parte dos filhos da classe trabalhadora – nossa primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação data de 1961 – reservou por muito tempo o Ensino Superior para poucos, em um país fez sua industrialização, sem escolarização (CUNHA, 2000). Dessa forma, a Educação Superior nasce para quem vive nos castelos e segue encastelada em práticas conservadoras e posturas verticalizadas, que desconsideram saberes populares e dos povos originários. Nossa universidade, portanto, nasce branca, nas regiões mais ricas, urbanas, eurocentrada em termos de conhecimento, frequentada por jovens oriundos das elites e das camadas médias urbanas no século XX. Processos democráticos mais recentes tendem a tensionar este encastelamento, mas a tradição resiste e é bom dizer que a pandemia fortalece a elitização, diante das dificuldades de permanência para estudantes pobres.

De fato, Florestan Fernandes (2001), trazendo importantes reflexões sobre a universidade brasileira, nos diz que a educação quando não é massacrada pela ignorância, é pela escassez de recursos. Tal afirmação nos remete à contemporaneidade na qual as universidades brasileiras vivem corte de verbas que as fere de morte. Decerto, vivenciamos tempos de regressões imensas no campo dos direitos sociais, com destaque para a política de educação. Além dos cortes de verbas acima citados e da intensa mercantilização de serviços, estamos em momento de contrarreformas reacionárias que censuram os debates identitários na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), transformam o ainda não universalizado Ensino Médio em itinerários formativos empobrecidos, que podem precarizar ainda mais a educação pública, impactando nas possibilidades de acesso ao Ensino Superior, ou pelas escolas cívico-militares, que se apoiam na disciplina, na hierarquização e no medo, e, não no conhecimento, no cuidado e no diálogo como estratégia para educar.

Além disso, o pensamento burguês assume as falas de seus representantes como atuais ministros da Economia e até da Educação que afirmam que os pobres não precisam de Educação Superior, referendando o projeto nacional que defendem: formações frágeis, universidade para os ricos, repressão para a juventude pobre e perpetuação de privilégios para os ricos. Complementam esse quadro o aprofundamento das desigualdades sociais e educacionais na pandemia, a defesa do ensino domiciliar, a negação do pensamento científico e os ataques sofridos pelo pensamento de Paulo Freire, filósofo da educação reconhecido mundialmente, que defende uma proposta pedagógica afetiva e dialógica, fundada na leitura de mundo do educando. São tempos de retrocessos e reacionarismos.

Neste sentido, é sempre oportuno lembrar que a política educacional recente se desenvolve imersa nas contradições dos avanços de poucos governos progressistas que se desenvolveram conciliando interesses do capital privado educacional, com as pressões por mais educação pública. Neste marco, são desenvolvidos programas de acesso à Educação Superior pela via privada. Trata-se do Programa Universidade para todos (PROUNI/2005), Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES/2007), conciliados e

combinados com a expansão da educação pública via Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI/2007) que expandiu *campi* e vagas país afora, ainda que de forma precária, em equipamentos incompletos e com falta de docentes.

Ressalta-se que essas conquistas foram fruto da pressão dos movimentos sindicais, partidários e populares, os quais tinham como demanda a expansão das universidades que atendessem áreas ainda não contempladas pelo ensino superior público, o que se deu por meio do Movimento Pró-Universidade, ação de 2005, do primeiro governo Lula da Silva (ZAGO et. al, 2016). É preciso reconhecer esses avanços, mas também considerar as contradições contidas neste processo. Neste sentido, crescemos na ampliação do acesso, mas defendemos a importância de que esse se deva se dar pela via pública. Em meio às contradições deste processo é preciso ressaltar e defender ações recentes na educação, como resultados dos processos de democratização da sociedade brasileira e das lutas sociais (PIOVESAN, 2005), com destaque para o movimento negro: falamos das ações afirmativas que ascendem em 2003 e da assistência estudantil em 2007.

Trazendo, novamente, aos dias atuais, lembramos que o golpe de 2016 aprofunda a precarização dessa política. Os ataques às universidades, seja no campo ideológico, com sua desqualificação como instituição formadora, ou por meio de seu desfinanciamento, são notórios. Neste sentido, a defesa da universidade pública e das políticas de acesso, permanência e da ciência são formas de resistência importantes.

Esse quadro de desqualificação da educação, especialmente a superior, tem sido agravado pela pandemia e seu isolamento social, medida importante para evitar a contaminação, especialmente em um país que não investiu adequadamente em vacina e em medidas preventivas, que decidiu por popularizar o chamado Ensino Remoto Emergencial, formato que deixará lacunas importantes na formação brasileira, já que o aprendizado é experiência coletiva, dialogada, próxima e presencial. As sequelas geradas por esse processo remoto demandarão políticas públicas para seu enfrentamento – especialmente para enfrentar questões relativas ao aprendizado e à evasão -- e trarão novas necessidades à educação pública.

É importante abrir debate sobre a universidade em que nosso PET se desenvolve e onde nosso estudo acontece. A UERJ nasce em 1950, como UDF – Universidade do Distrito Federal -- a partir da fusão da Faculdade de Ciências Econômicas, de Direito, de Filosofia e de Ciências Médicas (UERJ, 2020). Esta instituição educacional que recentemente completou 70 anos é pioneira na política de cotas e historicamente tem recebido estudantes trabalhadores em seus cursos noturnos. Esta mesma universidade construiu uma experiência *sui generis* de assistência estudantil (na qual todo cotista, desde o seu ingresso, será bolsista e este suporte o acompanhará ao longo de toda a formação, com avaliações a cada dois anos). Esta universidade que se propõe a ser uma instituição

diversa e popular e demanda estudos sobre seu público estudantil. Esse texto busca contribuir com essa tarefa.

Por fim, queremos problematizar a permanência. A universidade pública como expressão das relações sociais estabelecidas na sociedade brasileira é constituída pelas condições contraditórias da nossa formação social: colonialismo, escravismo, patriarcado, patrimonialismo, proteção social tardia. Tal instituição nasce para poucos, como discutimos no item anterior, atendendo aos interesses da burguesia. A classe trabalhadora vai demandá-la ao longo do século XX, especialmente, a partir da década de 1950, mas terá dificuldades em ingressar e permanecer (ROSA, 2014). Na primeira década do século XXI políticas de acesso e permanência trouxeram um público que, historicamente, não ingressava nas instituições universitárias públicas e quando isso ocorria, a sua permanência era complexa e recortada pela impermanência.

Zago (2006) aborda as dificuldades de permanência na educação superior de estudantes mais pobres e, apesar de tratar de uma realidade do sul do país, fala de um contexto assemelhado ao que vivemos na UERJ, a pioneira nas cotas, mas onde as dificuldades de conciliação trabalho-estudo, de deslocamento até a universidade e em relação à alimentação no ambiente formador, estão presentes, apesar de avanços na assistência estudantil.

Além disso, ainda em diálogo com a citada autora, as exigências relativas aos estudos universitários, à dedicação às atividades acadêmicas, limitações quanto à necessária autonomia estudantil, nem sempre experimentada em outros níveis de formação, bem como eventuais lacunas de aprendizado trazidas de anos anteriores ao ingresso na Educação Superior, são questões importantes e demandam respostas. Assim, problemas de ordem material, pedagógica e de condições para pertencer impactam na permanência.

Para além destas questões, ingressar na universidade significa compartilhar de práticas e de um caldo de cultura acadêmica, marcada de rituais e falas desnecessariamente empoladas, por vezes desconhecidas e distanciadas dos filhos da classe trabalhadora. Por isso, para o pertencimento se efetivar é preciso encontrar pares, sujeitos com os quais haja reconhecimento mútuo, dotados de origens e vivências comuns, que partilhem falas sobre realidades experimentadas na pele. Portanto, para permanecer é preciso também identidade, diálogo horizontal e afetivo.

Decerto, os obstáculos que se expressam na vida dos indivíduos quanto ao acesso e permanência – pobreza, lacunas educacionais, defasagem idade-série, trabalho, entre outros -- são fenômenos coletivos, complexos, decorrentes de uma sociedade profundamente desigual, que ampliou recentemente processos democráticos para acesso à educação – em especial no final na década de 1980 -- mas que a preservou ainda, como um direito não concretizado universalmente, especialmente na Educação Superior. As trajetórias educacionais dos mais pobres são, portanto, marcadas por dificuldades de

ordens diversas -- econômica, social e pedagógica -- solicitando a construção de políticas de diferentes ordens para acesso (educação pública de qualidade e política de cotas) e permanência (assistência estudantil, suporte pedagógico e de saúde), em um país que sequer universalizou o Ensino Médio. Portanto, ser estudante no Brasil supõe luta diária, famílias apoiadas por políticas públicas para serem capazes de apoiar seus filhos. Desta forma, é preciso admitir: acesso é luta para chegar e permanência é batalha para finalizar. Neste sentido, pensar em programas de perfil similar ao PET, que envolvam Ensino, Pesquisa e Extensão, apoio pedagógico, práticas horizontais, ambientes de diálogo e bolsa podem ser caminhos para a permanência com qualidade.

### **3 | APRESENTANDO DADOS DO NOSSO ESTUDO:**

Inicialmente é preciso dizer que nossa pesquisa foi construída no período imediatamente anterior à pandemia, em janeiro/fevereiro 2020 e que quando os questionários foram distribuídos já nos encontrávamos em isolamento social. Assim, estávamos em momento de grande instabilidade, diante de um vírus desconhecido. Assim, agradecer às respostas e ao diálogo realizado a partir daí é uma necessidade.

O estudo abordou a realidade socioeconômica e cultural dos 03 grupos dos programas da UERJ, a saber: Geografia, Serviço Social e Odontologia. Os dados a seguir dizem respeito a estudantes, de um total de 30 petianos/as, concretizando 65,2% de respostas, o que nos parece bastante significativo, especialmente pelo contexto de isolamento.

Segundo os dados coletados trata-se de um grupo de jovens, com concentração de idades entre 22 e 23 anos, 70% se afirmando como mulheres cis, 53% autodeclarados/as brancos/as e 36,3% autodeclarados pretos/as e pardos/as. Neste aspecto racial, na UERJ, é preciso destacar que segundo os dados do relatório estatístico do sistema de cotas de 2020 divulgados pelo DAIAIE (Departamento de Articulação, Iniciação Acadêmica e de Assistência e Inclusão Estudantil), dos/as 23.647 estudantes cotistas, apenas 14,41% ingressaram por cota racial (a cada ano, 20% das vagas são reservadas para os/as autodeclarados/as pretos/as e pardos/as), um número pequeno se comparado ao total da reserva. Entretanto, dentro do PET, esse número se faz mais expressivo, não somente pelo perfil de estudantes do curso de Serviço Social, que tem importante presença autodeclarada negra (BONFIM, SCHEFFER, 2020), mas também pelo fato de praticarmos seleção por cota racial[2].

Pensando na origem social do petiano/a/e indagamos sobre seu perfil familiar. Assim, sobre a escolaridade verificamos que no que diz respeito ao total dos pais, 43,3% completaram o ensino superior e destes, 13,3% possuem pós-graduação. Esta é a maior média educacional relativa aos pais. Por outro lado, 3,3% têm o ensino médio incompleto; 6,7% concluíram o ensino fundamental; 20% têm ensino fundamental incompleto. Além

disso, 6,7% dos entrevistados desconhecem a escolaridade dos pais. Depreendemos, portanto, que a escolaridade dos pais é superior à das mães.

Para estas, 23,3% das mães completaram o ensino superior e, destas, 13,3% têm pós-graduação. No nível médio temos a maior escolaridade das figuras maternas: 30%. Temos, ainda, 6,67% que têm o ensino médio incompleto e 13,3% possuem o fundamental incompleto.

Podemos depreender destas análises que os pais e mães dos petianos/as possuem boa média educacional, com destaque para a educação superior. Diante dos dados coletados, produziremos alguns diálogos. De acordo com Zago (2006), a instrução dos pais pode indicar processo de mobilidade escolar em gerações futuras, ou seja, famílias com escolaridades mais altas podem ofertar melhores condições de vida, permitindo que seus filhos possam ter escolaridades de mesmo tipo (embora isso não seja uma equação matemática).

Por outro lado, observando os dados de escolarização dos genitores, percebemos que a média de escolaridade dos pais é maior que a das mães. Por outro lado, apesar da escolaridade no nível superior de pais e mães petianos, podemos perceber que metade dos/as bolsistas fazem parte da primeira geração de seus familiares a ingressarem no ensino superior.

Quanto à renda familiar, tomamos por base o salário-mínimo (SM): 26,7% declaram renda entre 1 e 2 SM; 23,3% entre 2 e 3 SM; outros 23,3% têm a renda superior a 5 SM; 16,7% vivem com 3 a 5 salários mínimos; 10% possuem renda igual ou inferior a 1 salário mínimo.

Somando os dois primeiros grupos de maior quantitativo, podemos destacar que 50% das famílias petianas têm renda média entre 1 a 3 salários mínimos (em 2022, R\$3.120 reais). Segundo o IBGE, em classificação relativa ao poder aquisitivo, este valor coloca importante segmento de famílias do PET na chamada classe D<sup>[3]</sup>, o que significa um poder de consumo limitado entre R\$2.200 (dois mil e duzentos) a R\$4.400 (quatro mil e quatrocentos) para toda família<sup>[4]</sup>.

Para além da família de origem, pensando que estudantes universitários, por vezes, moram fora de casa, indagamos o número de pessoas que residem com o/a estudante (e não a composição familiar). Esse dado, portanto, expressará o quantitativo de pessoas com quem os/as petianos/as convivem em seu cotidiano. Verificamos que 26,7% disseram residir com duas pessoas; 26,7% com três pessoas; 20% com uma; 16,7% com quatro; 10% responderam que moram com cinco pessoas. Observa-se que, neste último indicador, foi sinalizado na pergunta que os/as entrevistados/as considerassem a si mesmos/as ao contabilizar o total de residentes da moradia. Dos dados levantados, depreendemos que 53,4% dos petianos/as/es residem com até 03 pessoas, configurando grupos pequenos de

convivência cotidiana.

Passaremos, agora, a analisar os grupos PET da UERJ -- Serviço Social, Geografia e Odontologia -- em suas particularidades, ou seja, segundo os cursos. A universidade conta apenas com 03 grupos, todos financiados pelo MEC, organizados em torno de cursos específicos. Como não têm sido abertos editais pelo Ministério da Educação e a nossa universidade não abriu edital próprio, a UERJ mantém o número de 03 grupos PETs desde 2006, ano de ingresso de criação do PET Serviço Social. Considerando o êxito das experiências PET uerjianas, fica registrada a importância de que a UERJ crie grupos específicos, financiados pela própria instituição. Da mesma forma, destacamos a importância de que o MEC reabra seus editais para novos grupos PET.

Começamos pelo curso de Odontologia, que tem um PET com duas décadas de vida. Obtivemos 8 respostas do PET Odontologia, de um total de 16 estudantes que o compõem. Em relação à renda familiar, as respostas foram categorizadas em três blocos: 1 a 3 SM (50%); de 3 a 5 SM (25%) e mais de 5 SM (25%). Assim, observamos que a renda familiar do grupo gira em torno de 1 a 3 salários-mínimos. Dentre os três PETs UERJ, o de Odontologia é o que possui a maior média de moradores nas residências, estando na faixa de 3 a 4 pessoas. Sobre a escolaridade dos pais observamos que entre as mães, destaca-se o ensino médio (50%). Entre os pais, prevaleceu a resposta para “ensino superior completo” em 37,50% dos entrevistados.

O grupo PET Geografia, também com duas décadas de existência, apresenta um alto nível de escolaridade dos pais: 70% dos entrevistados responderam que estes possuem ensino superior completo (incluindo aqueles com pós-graduação). Esse número se repete quanto à escolaridade das mães: 70% dos participantes disseram que as mesmas possuem ensino superior completo. Esse nível mais alto de escolaridade dos pais influencia na renda mensal familiar dos bolsistas do PET Geografia que gira em torno de mais de 5 SM para 50% dos respondentes. Apenas 20% têm renda familiar de 1 a 2 SM. Podemos observar, por fim, que no curso de Geografia a maioria (60%) dos/as entrevistados/as moram com até 3 pessoas.

No curso de Serviço Social, formado por 12 bolsistas, obtivemos 11 respostas. A renda familiar do grupo está localizada, para 77% dos entrevistados, entre 1 e 3 salários-mínimos. Há também uma expressiva marca de alunos morando com até 3 pessoas, o que representa 88% do grupo. No que diz respeito à escolaridade dos genitores, as mães (81,81%) possuem “ensino médio completo”, sendo 18,18% superior incompleto. Entre os pais desse grupo, foram categorizados três blocos de escolaridade: “Ensino superior completo” 36,36% (3); “Ensino Médio completo” 27,27% (3) e 27,27% (3) para “Ensino Fundamental (completo ou incompleto)”. Desta forma, infere-se que a escolaridade média dos pais no curso de Serviço Social desse grupo está localizada no Ensino Médio.

Sobre a relevância das bolsas, de acordo com os dados expressos na pesquisa,

46,7% dos/as entrevistados/as relataram que esta contribui para estar na universidade e, entre os 72,7% que se declararam cotistas, a resposta foi de que a bolsa auxilia na sua permanência na universidade. As críticas ao baixo valor das bolsas, à falta de reajuste e aos seus atrasos também estão presentes nas falas estudantis.

Em resumo, observamos que os grupos PET possuem proximidades em seus perfis. São estudantes jovens, em suas primeiras graduações, vivenciando a experiência universitária com o suporte de um programa que lhes confere uma bolsa e um grupo de trabalho para interagir e atuar coletivamente. Provém de grupos de convivência pequenos. Outro ponto em comum é a positividade das vivências no PET para a formação e a caminhada estudantil.

### **3.1 Identidades petianas**

O perfil de identidade de gênero e de sexo desses/as estudantes foi traçado a partir da autodeclaração. Foram 30 respondentes, sendo 70% de mulheres cis e 30% de homens cis. Na orientação sexual, atração afetiva-sexual por alguém, 63,3% declararam-se heterossexuais, 20% bissexuais e 16,7% gays. Conclui-se que o número de mulheres petianas é bem superior ao de homens, assim como o número declarado de heterossexuais é superior aos números de LGBTs.

Sobre esses dados é interessante destacar que segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), entre 2008 a 2018, as mulheres representavam 71,3% das matrículas nas universidades. A universidade é atravessada pelas contradições presentes na sociedade, portanto, machismo e lgbtfobia fazem parte deste cotidiano. A academia não está isenta deste processo contraditório e pode promover violência contra mulheres e a diversidade, afastando LGBTs do ambiente acadêmico. Esse afastamento pode ser decorrente desta violência.

Outra questão sobre a população LGBTQIA+ é o acesso. Será que a população LGBT acessa a educação superior e, mais particularmente a universidade pública? Será que ela tem finalizado o ensino médio e tem buscado os vestibulares? Além disso, que condições essa população tem para permanecer? Que apoios recebe? Como sua identidade é encarada naquele espaço? Esse não pertencimento pode ser o motivo para essa presença em menor número. A discriminação pode gerar processos de exclusão. Muitos ambientes educacionais não estão preparados para lidar com as diferentes expressões que a sexualidade possa vir a assumir. Os preconceitos podem acontecer de maneira silenciosa, transformando a permanência da comunidade LGBTQIA+ dentro da universidade num ato de resistência.

Por isso, é importante trazer também algumas reflexões sobre o preconceito às expressões que fogem à norma heteronormativa, baseada na cultura patriarcal, presente na nossa sociedade. Neste sentido, o PET Serviço Social inova em 2020, quando realiza

seleção com reserva de vagas para estudantes LGBTQIA+ e recebe esse público em seu interior.

Cabe ressaltar que, no questionário, não foram identificados/as travestis ou transexuais em 2020. Assim, deve-se considerar uma possível falta de acesso e/ou evasão por discriminação contra esse público. Portanto, para quem advém de situações de vida complexas, onde a discriminação é a tônica, a permanência na universidade não é simples. Por isso, discutir a permanência deste grupo implica em considerar aspectos que possam contribuir para sua superação, sempre levando em conta os desafios que enfrentam durante a sua permanência.

Importante destacar, ainda, o tema da evasão, em especial nestes tempos pandêmicos. De acordo com Zago et. al (2016), a evasão no ensino superior é causada por diversos fatores que possuem particularidades “[...] pode ser analisada por curso, por instituição ou em relação ao sistema de ensino superior.”(p. 157). Por isso, é considerado um fenômeno complexo e permeado de diversos determinantes com mediações igualmente diversas, que vão de condições materiais à imateriais.

A “evasão por mobilidade”, por exemplo, tem se mostrado um exemplo emblemático de como o estudante universitário não precisa necessariamente sair do sistema para evadir realizando um processo migratório de curso para curso outro, na mesma ou em outra instituição de ensino superior, sem conseguir concluí-los (ZAGO et. al, 2016).

A falta de um sentimento de pertencimento dos alunos cotistas na universidade também pode ser uma forte motivação de evasão, sobretudo em cursos de “prestígio social”. Por isso, as políticas de assistência estudantil são essenciais para permanência desses estudantes. Portanto, suportes como alimentação, moradia, xerox, transporte, materiais acadêmicos são essenciais (LEMOS, 2017).

Reforça-se que as condições materiais possuem um grande peso na permanência no ensino superior, conforme foi elucidado anteriormente, mesmo em universidades públicas: “Um fator importante, e provavelmente o principal, está relacionado à condição socioeconômica, mas há uma gama de outras situações de ordem pessoal, institucional, entre outras [...]”. (Zago et. al *apud* Baggi; Lopes, 2011, p.157). Segundo Lemos (2017) a falta de um sentimento de pertencimento dos alunos cotistas na universidade também pode ser uma forte motivação de evasão, sobretudo em cursos com “prestígio social” com baixo reconhecimento de que as cotas são reparação histórica.

Por fim, em levantamento informal, é preciso destacar dados atualizados que revelam a presença de evasão nos grupos PETs na pandemia. A motivação observada diz respeito à necessidade de trabalhar em função de queda na renda familiar.

### 3.2 Os PETs da UERJ e a permanência estudantil

Neste último item abordaremos questões relacionadas à importância do PET e das ações afirmativas como fatores de permanência estudantil na universidade. O tema da permanência nos é muito caro, sendo tema de pesquisa. A pandemia, o isolamento social e o retorno às atividades presenciais suscitam a necessidade de mais estudos neste campo e nosso texto presente ser uma contribuição neste sentido.

Sobre os impactos do Programa na permanência, podemos destacar duas vertentes de análise: o caráter intelectual, abstrato, que impacta no sentimento de pertencimento e o financeiro, concreto, que abre possibilidades no acesso a recursos materiais. Foi possível perceber a magnitude que o Programa tem no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual e pessoal a que submete quem por ele passa. A exemplo disso, podemos citar a evolução no exercício da escrita, da oratória, o crescimento pessoal através da participação nos eventos oferecidos pelo programa, o conhecimento adquirido tanto na área de formação, quanto em diferentes áreas de interesse social, contribuindo para a formação de um pensamento crítico e cidadão.

Conforme dados obtidos com a pesquisa, quando perguntado sobre a importância do PET para a formação acadêmica e permanência na universidade, foi relatado que a tríade do Programa, constituída por Ensino, Pesquisa e Extensão, possui grande relevância. Assim, entre trinta alunos/as, vinte e sete expressaram que o PET possibilita a participação em atividades que complementam e expandem a graduação, ao colocá-los em contato com experiências que contribuem para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas científicas. Percebe-se, assim, que a experiência junto à tríade dentro das ações do PET, permite que haja uma apropriação cultural do meio acadêmico.

Para os estudantes o programa é colocado na posição de “divisor de águas” quando se trata de pertencimento universitário. Além disso, muitas atividades desenvolvidas levam o conhecimento para além do espaço do PET, fazendo com que não somente alunos/as bolsistas e tutores/as sejam beneficiados/as, mas toda a comunidade interna e externa da universidade se beneficie com os projetos, atividades de extensão e pesquisas elaboradas pelos grupos.

Além disso, estar dentro do programa impactou no empenho dos/as bolsistas quanto à grade curricular, sendo explícita uma melhoria nas suas notas devido ao aumento da bagagem de conhecimento sobre assuntos fundamentais para o curso, conhecimentos estes obtidos através da participação no Programa, segundo os/as participantes.

A descoberta da vida universitária, o aprimoramento de habilidades individuais e o estímulo ao trabalho coletivo poderão influenciar positivamente em atividades pós vida universitária. De fato, observamos que estudantes petianos/as têm obtido êxito no acesso às residências e ao mestrado.

No que tange à busca por melhorias no desempenho acadêmico dos/as bolsistas, pode-se recorrer à Zago (2006, p. 234), para pensar a dinâmica do PET: “existe ainda a possibilidade de utilizar computador, internet, espaço físico para estudar, além de estar em contato permanente com a instituição, pois sabemos o quanto essa condição pode representar para a sua vida acadêmica.” Em outras palavras, o espaço físico do PET é também lugar de encontro e de conforto.

O PET é visto como esse território de criação de vínculo, de apoio e afeto, além de dispor de espaço físico privativo, que permite o descanso, o acesso a instrumentos e materiais para estudo, por vezes, em falta nas casas de muitos e muitas, como computador, impressora, dentre outros.

Destacando a importância da tutoria no Programa, alguns/as participantes citaram o PET como promotor de uma relação mais estreita entre professor/aluno. Esta é uma das singularidades do PET, pois os/as bolsistas entram em contato direto com a experiência profissional, recebem orientação sobre como conduzir pesquisas, entre outros. Além disso, a filosofia petiana, que defende uma relação horizontal entre professores/as e alunos/as permite que os/as bolsistas expressem mais suas ideias e percepções, ou seja, que tenham maior autonomia.

A segunda vertente destacada se refere ao aspecto financeiro, essencial para muitos/as bolsistas que veem na bolsa do programa, um meio de permanecer na faculdade, tendo a possibilidade de, além de ser desenvolver academicamente, custear passagens, xerox e alimentação, elementos básicos e essenciais para a subsistência universitária. O PET configura-se também como componente da renda de muitos/as alunos/as, impactando não apenas na vida dos/as estudantes, mas de seus familiares.

Por fim, o PET configurou-se como um espaço essencial para a não desistência da universidade, em períodos de greve e crises financeiras pelas quais passou a UERJ recentemente, o que reafirma a extrema importância do Programa.

Outro ponto importante diz respeito à política afirmativa das cotas. Nesta pesquisa, 36,7% dos participantes afirmam ser cotistas. Como cita Zago (2016), dentre outros aspectos, [...] a adoção de ações afirmativas, como as políticas de cotas sociais e étnicas [...] são movimentos que instituíram novos arranjos no ensino superior.” (p. 147). Assim, na pergunta sobre os impactos da cota na formação, muitos colocam que estas foram o meio de ingresso na universidade e que, sem estas, com a sociedade estruturalmente desigual como é, não conseguiriam ingressar em uma universidade pública.

Cabe aqui destacar que a UERJ é pioneira entre as universidades públicas do país na implementação do sistema de cotas. Essa ação resultou no crescimento do percentual de alunos/as negros/as, de baixa renda e oriundos da universidade pública.

A política de cotas da UERJ é referência nacional, pois de fato não só garante o

ingresso na universidade: para além da entrada, há uma tentativa de viabilizar a permanência **até** o final da graduação destes/as alunos/as, pois todo cotista já ingressa na condição de bolsista. Temos, ainda, como resultado da construção da assistência estudantil da UERJ e das lutas do alunado, em momentos diversos, o acesso a materiais didáticos e até de instrumentos para as aulas práticas, que possuem custo alto, como por exemplo, do curso de Odontologia, o auxílio financeiro que custeia passagens para quem não tem acesso à gratuidade, além de contribuir com a alimentação e com os materiais para estudo, como por exemplo, xerox de textos. Além disso, novamente como conquista das lutas estudantis, ainda que apenas para moradores/as da cidade do Rio de Janeiro, temos o Passe-Livre Universitário.

Em relação a possíveis outros fatores que possam interferir positivamente ou negativamente na permanência universitária, podemos destacar como um dos pontos positivos, a construção do Restaurante Universitário, com refeições a preços acessíveis. Alguns participantes colocam também a qualidade do ensino e dos/as professores/as, assim como um ambiente universitário considerado progressista. A possibilidade de complementar a renda participando de pesquisas, projetos de extensão e monitoria também configura-se como um fator positivo.

O Campus da UERJ Maracanã, local da pesquisa e espaços dos PETs uerjianos, também é citado como um ponto positivo. A localização deste campus com razoável acesso à estação de trem e metrô, fora a circulação de ônibus para diversas regiões e municípios é um elemento que impacta na permanência.

Sobre os horários das aulas há críticas sobre o término no horário da noite, devido à violência urbana. Além disso, a partir de determinada hora, há a interrupção da circulação de alguns transportes, como trens, e muitos/as alunos/as acabam perdendo tempo de aula, pois precisam sair mais cedo. Como elementos que dificultam a permanência foram pontuadas questões relacionadas à professores/as, como o autoritarismo e exigência para com os/as alunos/as.

As greves e paralisações também são citadas pelos/as participantes como aspecto negativo da permanência na universidade. Apesar de serem movimentos legítimos de lutas para a viabilidade de direitos e de defesa do ensino público, podem impactar no tempo para conclusão do curso.

Como ponto negativo estão os atrasos nas bolsas – muito constantes no PET -- que deixam alunos/as muitas vezes sem condições de frequentar a universidade.

#### **4 | BREVES CONCLUSÕES**

Segundo nosso estudo, conseguimos perceber que a questão da permanência é um assunto muito pertinente durante todo o percurso da formação estudantil. Zago

(2016) analisa que “Se houve progressos na ampliação do acesso ao ensino superior, a permanência dos alunos nesse nível de ensino é ainda problemática” (p. 147), tanto devido a questões relativas à renda, bem como pelas dificuldades de acompanhamento das disciplinas, não identificação com o curso ou com a universidade, por exemplo. Há muito empenho estudantil para acesso à universidade. Por isso, pensar ações que permitam a permanência é fundamental.

Portanto, é relevante destacar que pesquisas como a nossa reafirmam os impactos positivos dos grupos PETs na permanência nas universidades, o que sinaliza ainda mais a importância da existência do Programa e o quanto é necessário que seja defendido em tempos de desmonte das políticas públicas voltadas para a Educação.

Programas como o PET dão nova roupagem ao ensino superior brasileiro, tornando-o mais diverso, plural e comprometido com a qualidade. A permanência estudantil ainda é um desafio que demanda estudos e políticas públicas, especialmente, neste momento de pandemia e de enfrentamento das sequelas deste processo.

### **O PET existe, porque resiste.**

## **REFERÊNCIAS**

BONFIM, Paula, ALENCAR, Monica, SCHEFFER, Graziela. A realidade dos estudantes da FSS/UERJ em tempos da pandemia. Dados preliminares. Rio de Janeiro, UERJ, 2020

CUNHA, Luis Antonio. *O ensino profissional na irradiação do industrialismo*. São Paulo: EDUNESP, 2000

FERNANDES, Florestan. O desafio educacional. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2001

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 1993.

LIMA, Katia Regina. Reformas na Educação Superior nos anos da contrarrevolução neoliberal. De FHC e Luiz Inácio Lula da Silva. São Paulo, Xamã, 2007

MARX, Karl. Para crítica da economia política do capital. Coleção Os Pensadores. Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 1985

PRATES, Jane Cruz. O método marxiano de investigação e o enfoque misto na pesquisa social: uma relação necessária. Revista Textos e Contextos. 2012. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/11647> , acesso em 11/02/2020

SAMPAIO, H. O setor privado de Ensino Superior no Brasil: continuidades e transformações. In: Revista Ensino Superior, Unicamp, 2011. Disponível em [https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ed04\\_outubro2011/05\\_ARTIGO\\_PRINCIPAL.pdf](https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ed04_outubro2011/05_ARTIGO_PRINCIPAL.pdf). Acesso em: 24/04/2016.

SANTOS, Dyane Brito Reis. Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. PPG Educação UFBA, 2009. Disponível em RI UFBA: Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa

SEKI, Allan Kenji. Contribuições sobre a financeirização do Ensino Superior no Brasil. In: PEREIRA, Larissa Dahmer e ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. Serviço Social e Educação. Uberlândia: Editora Navagando, 2020

PEREIRA, Larissa Dahmer. A Expansão dos Cursos de Serviço Social em tempos de Contrarreforma do Ensino Superior Brasileiro: impactos na formação profissional em Serviço Social. In: Revista de Políticas Públicas, nº especial. São Luís, 2010.

PIOVESAN, Flavia. Ações afirmativas na perspectiva dos direitos humanos. In: Cadernos de Pesquisa. v. 35, n. 124, p. 43-55, jan./abr. 2005

SHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o Autoritarismo. SP, Cia das Letras, 2019

UERJ. CAIAC, Coordenadoria de Articulação e Iniciação Acadêmicas. Programa de Ação Afirmativa. Disponível em: <http://www.caiac.uerj.br/cotas.html>. Acesso em: 8/4/2019.

UERJ, 70 anos. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2020

[1] Apresentamos os dados da pesquisa em nosso INTRAPET (Encontro dos PETs da UERJ) ocorrido em junho de 2021, remotamente.

[2] Importante destacar que o PET Serviço Social iniciou seleção de bolsistas com reserva de vagas para cotistas raciais em 2019. Em 2020 ampliamos a oferta de vagas reservadas para cotas, incluindo o grupo LGBTQIA+. Essa experiência será contada em artigo sobre o tema.

[3] Segundo o IBGE, famílias com rendimento total mensal entre 2 e 4 salários mínimos (valor atual, em 2021 de R\$ 1.100,00).

[4] Aqui trabalhamos com a categoria classe social que não está relacionada ao formato acima sinalizado. Falamos, portanto, de famílias trabalhadoras, urbanas. Fizemos essa sinalização sobre a “classe D” pela questão do poder aquisitivo e do consumo.

## VIVÊNCIAS, MEMÓRIAS E REFLEXÕES SOBRE A TUTORIA DO PET SEREVIÇO SOCIAL - ENTREVISTAS COM AS TUTORAS EGRESSAS

**Thayná Osório Monteiro**

**Catarina Almeida dos Santos**

**Danielle Gomes de Oliveira**

**Fernanda Cristina de Assis Silva**

**Heliziane Franco de Oliveira**

**Jônatas dos Reis Nogueira**

**Larissa Cardozo Teixeira**

**Liandra Priscilla Paz Santos**

**Luana El-Amme Jayme**

**Mayara Mendes de Oliveira**

**Natalia da Silva Neves**

**Rosiane Bettecher da Silva**

**Renan Barros**

**Larissa Gonçalves Gomes**

**Isabela de Araújo dos Santos**

**Bruno Hiago dos Santos Ferreira**

**Lucas Simplicio**

**Simone Eliza do Carmo Lessa**

sua caminhada, dificuldades e potencialidades.

### DESENVOLVIMENTO

O Programa de Educação Tutorial (PET) do Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), completa 15 anos em 2021, por conta disso o grupo decidiu fazer algumas ações comemorativas. Uma dessas ações foram entrevistas feitas com as antigas tutoras do programa, com o intuito de conhecer/saber um pouco mais como era a dinâmica do PET e a conjuntura do país quando elas atuaram na tutoria, identificando rebatimentos que a conjuntura e que governos traziam para o PET. As entrevistas serão apresentadas segundo a cronologia das tutorias.

Os roteiros foram construídos pelo grupo coletivamente e as entrevistas realizadas por 04 grupos de bolsistas, em encontros com cada uma das tutoras. Nosso objetivo é resgatar as memórias, experiências e conjunturas vivenciadas pelas tutoras que construíram o PET na FSS e na UERJ. Nossa hipótese é de que o cotidiano do PET impacta nas experiências pedagógicas das docentes, além de influenciar o aprendizado e a permanência estudantil, como refletido em outros textos do presente material.

A realização das entrevistas é uma forma de conhecer e homenagear essas mulheres, docentes, assistentes sociais, que ensinaram e

**RESUMO:** O presente texto apresenta a integralidade das reflexões e conteúdo levantados a partir das entrevistas com as ex tutoras do Programa. A partir deste conteúdo resgatamos as memórias do Programa na Faculdade de Serviço Social, conhecendo elementos de sua história,

aprenderam no cotidiano do Programa. Nosso desejo é de que todas se sintam fundamentais na formação petiana. Da mesma forma, que se sintam queridas e importantes para cada estudante que, com elas, estruturaram o PET, porque de fato, são.

Nossa homenagem especial à memória da tutora Mônica Alencar que nos deixou recentemente, mas que permanece firme, viva, querida e admirada pelo PET Serviço Social. Mônica Alencar, presente!

Rosângela Barbosa foi a primeira tutora do PET Serviço Social UERJ e precursora do Programa. Construiu a experiência no ano de 2009. No edital divulgado pelo MEC viu uma oportunidade de articular Ensino, Pesquisa e Extensão. A professora não tinha conhecimento do programa e na universidade só havia o PET Geografia e Odontologia. O PET despertou seu interesse pela articulação do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, por seu financiamento próprio, as bolsas além de ser um projeto que gerava certa independência da Universidade.

Quando é abordada a respeito da tutoria do programa, Rosângela afirma que é uma vocação assumir tal função e que não é qualquer pessoa que tem habilidade e interesse em exercer a tutoria com alguém, mas que no Serviço Social nunca surgiram problemas relacionados a essa responsabilidade.

Quando é abordada a respeito da tutoria do programa, Rosângela afirma que é uma vocação assumir tal função e que não é qualquer pessoa que tem habilidade e interesse em exercer a tutoria com alguém, mas que no Serviço Social nunca surgiram problemas relacionados a essa responsabilidade.

Quando perguntada se na sua época de tutoria o contexto da UERJ afetou de alguma forma o programa, a professora afirma que na sua gestão não existiu nenhuma interferência da situação da UERJ ao PET. A dificuldade apresentada foi a questão da compreensão, por parte da reitoria em entender o que seria o PET. Foi muito importante buscar reconhecimento e visibilidade para o programa, inserindo-o em atividades acadêmicas como a UERJ Sem Muros.

Rosângela destaca que a concepção de que programa deveria receber jovens que tenham interesse em se manter na universidade fazendo uma pós graduação ainda se manteve na sua época de gestão. A irregularidade das bolsas e seu baixo valor eram problemas. Neste contexto, o dinheiro das bolsas tanto para o tutor quanto para os alunos chegavam em blocos e depois disso era feita a distribuição das mesmas, gerando os atrasos. O financiamento que o grupo recebe anualmente, chegava próximo ao prazo final para ser utilizado, gerando um certa urgência para a utilização do dinheiro. Outro problema relatado pela ex-tutora foi em relação à articulação com os outros PETs da Universidade, o de odontologia e Geografia. A característica do programa é existir em articulação entre os programas. Por isso, foi preciso investir neste processo.

Durante seu relato, a ex tutora Rosângela colocou que houve um processo de luta para que o PET alcançasse o lugar que ocupa hoje na universidade. E nesse contexto, foi perguntado quais foram os êxitos resultantes desse processo e o que ela observou como conquista. Ela pontuou que só poderia falar sobre a experiência de implementação do programa porque não acompanhou de perto o andamento das tutorias seguintes.

Respondendo o que foi colocado, Rosângela relata que a própria implementação do programa foi uma vitória. A articulação com os outros grupos PET nos eventos do programa também foi colocada como um ponto positivo. Ela ressaltou um ponto importante: é possível que o PET hoje não tenha mais a mesma função que tinha para o MEC naquela época (e, de fato, não tem). No atual governo Bolsonaro, é difícil traçar com precisão o papel do projeto educacional nas universidades. Na época da primeira tutoria, havia uma outra perspectiva e um outro contexto, levando em conta que o Ministro da Educação, Fernando Haddad, também tinha sido tutor de um Grupo PET da Universidade São Paulo (USP) e promoveu a valorização das ações do programa.

O Programa vinha de um período de transição para o Ministério da Educação, saindo do CNPq e ainda não tinha uma identidade. Com Haddad, houve a implementação de uma condução e avaliação mais transparente das ações dos programas.

Retomando o assunto sobre o que ela considera como êxito do PET Serviço Social, Rosângela diz que fazer o programa conhecido dentro da UERJ foi muito importante e que os programas de extensão têm papel fundamental nesse processo. Todas as atividades que foram criadas tiveram sua importância, mas as de extensão tornaram público o PET e o abriram à participação da comunidade externa sobre o que era desenvolvido pelos bolsistas.

A divulgação de atividades e debates eram ações fundamentais para o programa. Como exemplo, foi citado o Mural Informativo que ficava exposto no corredor do oitavo andar. O grupo promovia estudos internos sobre determinado tema e depois o conhecimento construído era compartilhado com a comunidade que circulava nos corredores. As oficinas que aconteciam entre os petianos também foram muito importantes, pois nelas os alunos aprendiam a programar, organizar e divulgar os eventos de uma forma eficiente. Havia uma preocupação de como as atividades poderiam atingir a universidade e trazer a participação de outras pessoas. Nesse sentido, era importante atentar para o bom uso dos meios de comunicação e divulgação internos. Esta conduta era parte da estratégia de tornar o PET conhecido, além de dar visibilidade à característica ética e humanista das atividades.

Outro êxito que a professora destaca foram as pesquisas desenvolvidas, que desdobraram-se em trabalhos de conclusão de curso, dando continuidade aos assuntos debatidos internamente. Outro tema que foi trazido foi a importância da bolsa que o programa oferece aos tutores. Foi colocado que na época da implementação do programa, as bolsas sempre atrasavam, mas ainda assim, eram importantíssimas. Levando em conta a grande

proporção de trabalho demandado pelo programa e o nível de dedicação às atividades de ensino, pesquisa e extensão, somadas às demandas individuais dos bolsistas que são atendidas pelo tutor, a bolsa tem um lugar fundamental visando estimular os resultados.

Também foi perguntado à professora quais foram as contribuições e influências que ela acredita ter deixado no programa. Ela coloca que acredita ter ficado pouco tempo para ter deixado grandes contribuições e que a maior delas foi ter trazido o programa para a Faculdade de Serviço Social da UERJ. Se o edital não tivesse sido aproveitado naquele período, talvez não houvesse outra oportunidade pela falta de divulgação de novos editais para implementação de novos programas. O acesso ao PET pela FSS, foi uma importante contribuição, portanto. Inclusive na época, ela promoveu a divulgação do edital entre outras unidades da UERJ, mas não houve demonstração de interesse na criação de novos projetos.

Quando perguntada sobre qual a importância do programa PET na sociedade, a professora cita a qualificação da graduação e a formação de profissionais com experiência científica alargada que possibilita a ampliação de quadros de profissionais que vão direto para a pós-graduação, que é uma das naturezas do programa. Esse profissional mais qualificado vai poder atuar em políticas e pesquisas desenvolvendo atividades de maior qualidade para sociedade.

Já em relação a qual momento mais marcou a sua trajetória dentro do programa, a professora menciona a relação com os estudantes, o acompanhamento passando do início, meio e fim, na conclusão da graduação dos alunos, analisando a trajetória de amadurecimento destes. Rosângela analisa que uma das características positivas de um programa de longo prazo é construir laços com esses estudantes, enquanto observa a interação deles com a universidade, o que é uma experiência social nova para cada um deles.

Na última pergunta, “Como o PET influenciou na sua pessoal e profissional?”, a professora revela que do ponto de vista profissional, estar no PET a fez buscar recursos para a Universidade. A professora destaca que vem de uma geração docente que buscou ampliar recursos para inserir mais alunos nas práticas acadêmicas.

A professora Rosângela analisa também que o PET permitiu conhecer melhor um programa federal. Lembra que aprendeu na marra a fazer o PET funcionar, articulando ensino, pesquisa e extensão e orientando os alunos nessa atividade. Para ela, desenvolvimento de tutoria foi especial, tanto em auxiliar na direção dos projetos em curso, quanto também no saber identificar o limite da autonomia dos estudantes, bem como por amparar os estudantes para produzir sua própria autonomia, respeitando sempre o compromisso do trabalho acadêmico com a qualidade, o humanismo e a ética. Outra influência é o exercício da convivência acadêmica com alunos com personalidades tão distintas. Isso marca também os próprios estudantes, que durante anos convivem muito

e mantém o intuito de desenvolver projetos coletivos e crescer. O PET é, portanto, uma grande experiência de companheirismo entre estudantes e tutora.

A segunda tutoria foi assumida pela professora Alba em 2008. Quando perguntada sobre o que a motivou a fazer parte do PET, a Professora nos disse que já conhecia um pouco da história do Programa e ter um grupo na unidade de ensino era de uma importância muito grande. Além disso, queria participar desse acompanhamento da graduação dos alunos dentro dos eixos de Ensino, Pesquisa e Extensão. Para ela, esse processo aperfeiçoaria a sua prática como educadora.

Quando perguntada sobre o período em que participou do Programa e o contexto histórico vigente, a professora nos diz que foi tutora durante os anos 2008, 2009 e 2010, que era o fim do segundo mandato do governo Luiz Inácio da Silva, que dava continuidade à política econômica dos governos Fernando Henrique Cardoso, articulando-a a políticas compensatórias, tais como: Bolsa Família, o aumento real do salário mínimo, ProUni, FIES. A professora considera que esses programas se refletiram na UERJ e ampliaram o acesso ao ensino superior.

Ela lembra que, quando assumiu era professora de oficinas que eram dadas aos alunos cotistas. Continua dizendo que viu e percebeu a mudança no perfil dos estudantes que as políticas afirmativas provocaram. Além disso, nesse período, a bolsa permanência das cotas passou a perdurar por toda a graduação (antes era somente durante o primeiro ano de atividade acadêmica).

Ao ser questionada sobre como a sua tutoria impactou o grupo, a professora respondeu que desde o início, buscou desenvolver o projeto e as atividades permanentes que a tutora antecessora tinha planejado. Nesse período, o PET teve a ideia de criar uma jornada semestral de apresentação das pesquisas dos pós-graduandos da Faculdade de Serviço Social. Assim, materializavam-se os minicursos que realizamos até hoje. Neste sentido, Alba destaca que tal articulação contribuiu para o Programa de Pós, pois possibilitou que os alunos concretizassem as horas de aula que precisavam ter, além de permitir que os petianos/as experimentassem a seleção das propostas, fizessem sua divulgação, efetivação, avaliação e certificação, aprendendo muito no processo.

Foi perguntado sobre quais foram as suas maiores dificuldades e êxitos durante a sua tutoria. Quanto às dificuldades, cita a gestão administrativa, pois as prestações de contas e compra de materiais dependiam de recursos que sempre atrasavam. Também comenta que só recebeu bolsa em um ano, pois o planejamento atrasou para chegar ao Ministério da Educação.

Outra dificuldade mencionada foi a participação do ENPESS, que seria na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Nesse sentido, conta que conseguiram recursos para compra de passagem, mas não havia dinheiro suficiente para que o grupo

todo conseguisse custear a hospedagem. A partir disso, Alba relata que tomou a iniciativa de entrar em contato com a gestora do curso de Serviço Social, na UFES. A partir disso, foi feita uma articulação para que os/as alunos/as do PET/FSS UERJ se hospedassem nas residências dos/as integrantes do PET/FSS da UFES, algo que depois também se inverteu quando os/as mesmos/as necessitaram vir ao Rio de Janeiro. Essa foi uma experiência bastante marcante e positiva, que valorizou as trocas entre os grupos e permitiu vivências e aprendizados diversos.

Outro ponto positivo de sua tutoria foi que houve uma articulação com o programa idiomas para a comunidade externa à UERJ (LICOM) e os petianos puderam ter acesso a diversos cursos, permitindo acesso a um aprendizado difícil de ser custeado pelos jovens e suas famílias.

Destaca que sua experiência enquanto tutora se deu sob a ideia de fortalecendo do grupo: todos devemos nos apoiar. Outra conquista foi o espaço da sala do PET, que passou por uma ampliação, algo que se fez necessário devido ao crescimento quanto ao número de petianos/as no PET/FSS UERJ.

Ao ser perguntada sobre os impactos do PET para a Faculdade de Serviço Social, a professora destacou que o Programa participava intensamente da semana de iniciação científica, o que trazia visibilidade para o trabalho. Outra atividade era o debate com alunos calouros que eram levados a conhecer o PET e a FSS. Na ocasião tinham também o primeiro contato com os grupos de pesquisa e de extensão. Com isso, a Faculdade apoiou bastante o PET e vice-versa. Para a tutora o PET esteve sempre presente e visível na unidade. Outra atividade importante era a discussão de textos e artigos e o café com autoras, que consistia em dialogar com nomes de referência da área de Serviço Social.

Já quando a pergunta foi sobre a importância da bolsa para a tutoria, a professora respondeu que no contexto de que os direitos do trabalhador e do estudante vão sendo represados, sendo esvaziados, a bolsa é bem fundamental. Ela pontuou que as bolsas não podem ser ameaçadas. Pelo contrário, o pagamento deveria ter correção da inflação, pois precisa acompanhar os custos que o aluno tem. O professor-tutor exerce essa cargo-horária para além do previsto no plano de trabalho, por também ser professor da universidade.

Em seguida, foi perguntado sobre as contribuições e influências deixadas no Programa. Alba analisa que a influência tem marca coletiva, pois, de acordo com as palavras dela “Cada um vai somando um pouco”. Além disso, ela traz à tona a importância de ter dado continuidade ao planejamento que a professora Rosângela criou. Já em relação a importância do PET para a sociedade, ela responde que os alunos petianos produzem conhecimento de qualidade e saem como profissionais qualificados, o que é o grande retorno do Programa para a sociedade. Por fim, a ex tutora afirma que tudo era muito bom e que guarda excelentes lembranças.

Também entrevistamos a ex-tutora Elaine Marlova. Ela se candidatou para o programa no final de 2009. Menciona que veio, na ocasião, de muitos cargos de gestão da faculdade e viu no PET a oportunidade de se reconectar com a graduação. Marlova relata que a imagem que tinha do PET era a do início dos anos 1980 e 1990, onde se buscava os/as alunos/as de excelência, os/as que tinham as notas mais altas. Então, criava-se um grupo de excelência dentro da faculdade, e que ao decorrer da sua gestão foi aprendendo sobre o PET, suas potencialidades e suas mudanças.

Marlova entrou no PET no final do governo Lula e início do governo Dilma, ambos do Partido dos Trabalhadores (PT). Diz que a UERJ passava por momentos difíceis, mas que ainda não tinha sido o momento mais grave, que o PET vivenciaria depois. Ela segue falando sobre os feitos deste governo à época, com as universidades públicas, sobretudo as federais sendo reformadas para atender um número maior de estudantes, os cursos noturnos sendo criados, a implementação do sistema de cotas nas federais.

Sobre a conjuntura, ela acaba falando também da UERJ, relatando que o Programa em si vai sofrendo os impactos nos diferentes governos. Em seguida, diz que durante a sua tutoria, o pagamento das bolsas ganha uma estabilidade, mas por outro lado relata a fragilidade para o recebimento da verba de custeio, que chegava no início de dezembro para ser usada até dia 20 do mesmo mês. Eram 15 dias para usar o valor de um ano inteiro e depois prestar contas. Essas questões, segundo a ex-tutora, comprometiam o planejamento das atividades.

A ex-tutora dá continuidade dizendo que somente em 2012 a UERJ começa a se preocupar mais com a institucionalização do Programa dentro da universidade, e que nesse momento ocorreu uma mudança na até então chamada SR1. É criada a Coordenadoria de Avaliação, Projetos Especiais e Inovação (COPEI) trazendo uma interlocutora para ficar à frente desse contato com o MEC, a professora do Instituto Biomédico Paula Barradas. Com esse passo para institucionalização do Programa, veio também a esperança da criação de grupos PET institucionais, como existem em outras universidades, mas isto não chegou de fato se concretizar, por questões de financiamento da própria universidade.

Marlova relata que em sua tutoria vivenciou também a transição para uma maior institucionalização do Programa dentro do MEC, o que o deixa melhor regulamentado. A professora também demarca um PET bem elitista, citando que alguns grupos realizavam provas de inglês em suas seleções. A professora afirma que sua tutoria é marcada por um momento de consolidação do programa nacionalmente.

Em relação a como o contexto histórico pode impactar o programa, a professora ressalta as Portarias de 2010<sup>1</sup>, e a importância delas na democratização do acesso ao PET,

---

1 Portaria nº 976, de 27 de julho de 2010 - Atualizada pela Portaria nº 343/2013 – dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial. A Portaria 976/2010 trouxe inovações para a estrutura do PET como, por exemplo, a aproximação com a estrutura acadêmica da universidade e a definição de estruturas internas de gestão do PET.

saindo do perfil elitista, buscando que de fato ele fosse um programa de apoio à graduação. Negativamente ela diz que o PET poderia ser um programa descartado, por usar base legal frágil, mas quando olhamos para a sua história, vemos que ele resiste, mesmo diante de tantos ataques, inclusive no governo FHC. Sempre fica na corda bamba, mas não chega a desaparecer, pois é relevante e sempre há resistência ao seu redor. Nesse sentido, ela diz que se os/as petianos/a precisam se organizar, pois, só eles podem cuidar do PET.

Quando perguntada sobre as suas maiores dificuldades e êxitos durante sua tutoria, a entrevistada coloca que um dos pontos mais interessantes foi a diversidade “geracional” do grupo naquela época. Relata que havia integrantes de duas tutorias anteriores que proporcionaram uma adaptação mais tranquila aos novos, transmitindo tudo sobre o Programa, visto que tinham conhecimento aprofundado do seu funcionamento. Logo, destacou a horizontalidade na gestão do grupo como aspecto bastante positivo.

Pontuou também, que a instituição da Portaria de 2010 trouxe muitos benefícios para o Programa, possibilitando a ampliação de 12 vagas por grupo, mais voluntários e também visava maior integração dos grupos PET.

Deste modo, a tutora exemplificou a ocorrência de diversos INTRAPETS que culminaram na atividade conjunta realizada em Ilha Grande no Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS), na qual o Serviço Social e a Geografia tiveram uma troca de saberes bastante efetiva.

No que diz respeito às principais dificuldades, a entrevistada pontuou a não realização de atividades de extensão com a comunidade externa; a fragilidade de financiamento do Programa e as dificuldades financeiras para que todo o grupo possa participar dos encontros nacionais e regionais. Além disso, vê a falta de comunicação entre os grupos PET como um problema.

Em relação ao impacto do PET na Faculdade de Serviço Social, a professora coloca que o principal é a qualificação da formação na graduação. Acrescenta que a relação entre o grupo e a unidade sempre foi de muita parceria. Dessa forma, acredita que toda universidade deveria ter grupos PET's e todos os estudantes e docentes deveriam ter acesso. Isso porque, o Programa contradiz a lógica corporativista da Universidade que pode ser bem hostil para estudantes e docentes devido a processos de produtividade, competitividade e individualização. Sendo assim, o PET “É um mico-leão-dourado que temos que preservar”, porque o Programa dá uma amostra para a sociedade de quão boa pode ser a Universidade Pública, mesmo em tempos de ensino remoto.

Quando perguntada sobre a importância da bolsa para a tutoria, Marlova diz que é importante para motivar o docente a se candidatar para o Programa, pois ao assumir a tutoria, acaba realizando uma carga horária extra às suas atividades obrigatórias na universidade.

Já em relação às contribuições que a professora acredita ter deixado para o PET, a entrevistada responde que não consegue mensurar em quantidade suas contribuições ou influência para o PET. Contudo, disse que consegue visualizar algumas propostas que consolidaram durante sua tutoria, como a autonomia dos estudantes na realização das tarefas; a participação nos eventos regionais e nacionais; as discussões sobre os rumos do PET; os grupos de estudos; o desenvolvimento de valores solidários entre os membros do grupo; e a promoção de experiências mais humanistas de pesquisa e trabalho profissional.

Quanto a importância do Programa para a sociedade, a ex tutora disse que na sua compreensão, o maior impacto do PET é pensar e oferecer possibilidades de novas metodologias de ensino e de vivência acadêmica e que apesar de ser um programa antigo, traz uma novidade na forma de pensar a possibilidade da construção coletiva, da autonomia e da liberdade de criação. Menciona também que o PET demonstra que os estudantes podem ter projetos individuais de pesquisa, sendo um lugar que possibilita que essas ideias apareçam e que sejam desenvolvidas.

Em seguida, responde sobre qual o momento foi mais marcante durante a sua trajetória. Nesse ponto, Marlova diz que o que mais a marcou foi se dar conta que apesar do PET ser um programa pequeno, era muito potente. E que ao participar dos encontros nacionais se sentiu parte de uma comunidade que vê uma estratégia diferente de abordagem e metodologia no Ensino Superior. Também ressalta a tríade e a forma que o programa transita por todas as três dimensões de ensino, pesquisa e extensão.

Perguntada sobre a relação entre a UERJ e o Programa, Marlova conta que durante a sua tutoria a relação entre o programa e a UERJ se dava através de uma interlocutora, uma profissional contratada, que coordenava todas as questões do PET dentro da universidade, como as bolsas e a interlocução com o MEC. Também fala que por ser uma profissional contratada, os tutores tinham medo do contrato dela acabar, já que era a única pessoa que entendia sobre o funcionamento do programa. A chegada de uma interlocutora efetiva, posteriormente, foi um ganho.

Por fim, a ex-tutora diz que acredita que o programa a tornou uma pessoa melhor e uma professora melhor também, já que depois que passou pelo PET, se tornou uma docente mais atenta ao estudante, ouvindo mais e mais ligada às questões da graduação. Coloca que antes do programa, estava muito na pós-graduação e a partir do PET, se realocou.

Diz que crê que todos que passam pelo PET melhoram no sentido da escuta, e que o programa possibilita que você observe mais atentamente aquilo que o outro diz e o que se deve mudar no próprio comportamento.

Coloca que a partir do programa, acabou tendo outra percepção da universidade, já que conheceu aspectos do ensino superior que desconhecia. Termina dizendo que o saldo sempre foi muito positivo e que talvez tenha até aprendido mais do que tenha deixado, e

que por isso, é muito grata e muito honrada pelo PET.

A seguir, faremos uma retrospectiva das principais experiências da tutoria de Mônica Alencar, que não pode ser entrevistada e nos deixou recentemente. A referida entrevista não ocorreu por motivos de saúde, por isso, realizamos uma pesquisa nos arquivos do PET; buscamos relatórios, artigos, textos e informações trazidas por bolsistas egressos.

A tutoria de Mônica teve início em 2013 e foi finalizada em 2016. Em meio ao processo de seleção para tutoria, em seu processo seletivo está explícito que seu conhecimento e interesse acerca do Programa ocorreu a partir do seu mandato como Vice-Diretora da FSS/UERJ quando lhe coube a tarefa de proporcionar as condições institucionais para o funcionamento do PET na Faculdade.

Com o objetivo de assegurar atividades baseadas na interdisciplinaridade e de endossar a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, Mônica assumiu a tutoria do grupo Pet da faculdade de Serviço Social em 1º de março de 2013. Inicialmente foi realizada a pesquisa coletiva interdisciplinar “Projeto de Pesquisa Interdisciplinar Ação Integrada dos Grupos de Pesquisa PET-UERJ sobre a Comunidade de Dois Rios, na Ilha Grande-RJ” que produziu um perfil sócio-espacial de Ilha Grande e realizou um levantamento e atualização de dados pertinentes ao perfil sócio-econômico dos moradores locais da comunidade, através de pesquisa de campo com uso de fontes secundárias de pesquisa. Além disso, através da pesquisa em campo, foram investigadas as necessidades sociais apresentadas pela população da comunidade em termos dos serviços públicos nas áreas de saúde, habitação, educação, assistência social e a mobilidade da população local quanto ao uso e acesso de serviços imediatos como saúde, educação, lazer, possibilidades de consumo e outras necessidades básicas.

No ano de 2014 foi realizada a pesquisa coletiva “O PET na Universidade: concepções, práticas e experiências de sua trajetória na UERJ” que tinha como finalidade esclarecer os objetivos da educação tutorial através da reconstrução das possíveis diversidades de orientação, avaliar em que medida a educação tutorial cria as possibilidades para uma nova concepção relacionada à educação, em particular as práticas voltadas para a cidadania, além resgatar a trajetória histórica dos grupos PET na UERJ.

Nesse mesmo ano, foi produzido o “Evento 50 Anos de Ditadura” que apresentou os resultados dos estudos e pesquisas, desenvolvidos ao longo de todo o ano, em torno do tema “Ditadura Civil-militar e Serviço Social”; o evento contou com a participação de Marilda Iamamoto, nome histórico na resistência política da profissão no contexto da ditadura civil-militar e para o movimento de reconceitualização teórico-metodológica e ético-política do Serviço Social latinoamericano, e fez parte das atividades realizadas durante a Jornada Científica da FSS/UERJ que constituíram a agenda comemorativa dos 70 anos da Faculdade de Serviço Social da UERJ.

Foi também em 2014 que o PET Serviço Social UERJ participou da organização do XIV Encontro da Região Sudeste dos Grupos PET - Sudeste PET - que aconteceu na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O nosso grupo integrou a comissão organizadora do evento e foi protagonista entre os grupos PET UERJ, atuando no planejamento das ações e atividades, o que rendeu conhecimento e experiências acerca de organizações de eventos em geral, que é reconhecido até hoje entre os/as bolsistas.

Em 2015, Núcleo de Terras e Habitação (NUTH) da Defensoria Pública do Município do Rio de Janeiro, junto à Coordenadoria de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CDEDICA) solicitou um levantamento de dados dos moradores da comunidade Metrô-Mangueira, localizada entre as Avenidas Radial Oeste, Presidente Castelo Branco e a Rua 8 de dezembro, próximo à UERJ.

A pesquisa foi realizada pelo PET em parceria com professores/as da Faculdade de Serviço Social, com o Centro Acadêmico de Serviço Social (CASS) e com alunos/as da Graduação de Serviço Social UERJ. Teve como objetivo embasar a Ação Civil Pública (ACP) para garantia da permanência das famílias que eram composta por crianças matriculadas em escolas e creches no entorno da Comunidade. Tendo em vista a proximidade das instituições de ensino (escolas e instituições de educação infantil) com a comunidade, o remanejamento precoce das famílias em questão acarretaria sério entrave para essas crianças, por isso, era necessário garantir a essas famílias que seus direitos humanos seriam resguardados. Desta forma a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro atenderia à população através de programas específicos de habitação de interesse social.

É importante registrar o depoimento dos/as bolsistas egressos/as contemporâneos à tutoria de Mônica que afirmam que através dessa tutoria o grupo desenvolveu ainda mais a autogestão e desenvolveu a autonomia e participação dos bolsistas nas decisões e atividades do programa, assim como as ações necessárias aos meios para realizá-las, o que levou ao amadurecimento de todo o grupo. Monica marcou o PET por sua competência, cuidado e afeto.

A tutora seguinte foi a professora Carla Almeida. Perguntada sobre o que a motivou em participar do PET, Carla relata que sua entrada já vinha sendo namorada e planejada há bastante tempo, nas tutorias passadas. Como professora já havia uma “admiração pelo programa e a formação que ele proporcionava aos estudantes”. No final da tutoria da Professora Mônica, Carla achou que era o momento oportuno para seu ingresso e para se dedicar ao programa.

Ela relata que teve receio no começo, com dúvida se “daria conta” sentimento que reflete o quanto o PET é bem visto na faculdade e o quanto proporciona uma formação e atividades de qualidade e seriedade. Foi motivada a buscar uma nova experiência e conhecer como era esse trabalho.

Em seguida ela responde qual o período (ano) que esteve no PET e qual foi o contexto histórico vigente durante sua permanência no programa. Ela diz que todas as tutoras que fôssemos entrevistar iriam relatar que foi um período difícil, já que na perspectiva no qual estamos inseridos e na dinâmica dos trabalhos, estamos na contracorrente em uma sociedade desigual, que reduz direitos.

Carla, ingressou em Março de 2016 e saiu em Março de 2019. Esse foi o período no qual ocorreu a crise no estado. Nesse ponto, Carla responde que a sensação era que a UERJ ia acabar, pois havia professores e técnicos sem salários e estudantes sem bolsas. A universidade estava fechada, sem atividades, sem limpeza e condições de funcionamento. Pensa que atualmente estamos na pandemia e esse período de 2016 foi um ensaio de como seriam as nossas vidas interrompidas.

Relata também que, por outro lado, a conjuntura que estávamos vivendo era de um processo duro em nível federal. Tivemos o *impeachment* da presidenta Dilma e 2016 também vimos o fortalecimento da direita no Brasil e como eles estavam se articulando.

A professora ressalta que desde os anos 1990, ainda nos processos de reconstrução da democracia, os conservadores estiveram se articulando em oposição ao avanço da vida democrática e dos direitos. Essa resposta veio em 2016 com o *impeachment* e depois se culmina nas eleições presidenciais com a eleição de Bolsonaro. Pela primeira vez a direita havia assumido a linguagem característica da esquerda de ir para as ruas, fazendo manifestação em favor do *impeachment*.

Reforça que esses acontecimentos se associam à situação da UERJ que vivia um momento de muita dificuldade, mas resistia com mobilização e eventos. Em 2017 experimentamos a invasão de eventos, discursos neofacistas e conservadores na universidade, onde “não se pode falar sobre gênero, pois consideram temas comunistas”, tensionamentos do que pode ou não ser dito na sala de aula.

Em seguida, Carla diz que no PET, no ano de 2017, o grupo estava começando a produzir a pesquisa de gênero, Carla relata que ficou preocupada com o tema que iriam abordar e que havia adiado ao máximo para não ir a campo enquanto não tivesse a aprovação do comitê de ética da pesquisa, pois teve receio de que houvesse retaliações e por isso precisaríamos de um respaldo institucional. “Foi um ano tenso para o país com a ascensão do Temer. As políticas começaram a sofrer retrocessos e a preocupação da UERJ era com a política de cotas, em garantir a permanência dos alunos e trabalhadores na instituição”.

Em seguida, responde como acha que o contexto histórico impactou no programa, seja de forma positiva ou negativa. “Sempre estávamos com medo do programa acabar, pois ele nasce com um propósito mais tradicional – de formar uma elite intelectual -- que depois é ressignificado, principalmente com a gestão do Haddad, quando o PET passa

a ser entendido como um programa diverso, que valoriza a permanência estudantil e democrático e não como um programa que vai gerar uma elite dentro do alunado.

Esse debate sempre está tensionado nos grandes eventos: ENAPET e SUDESTEPET”. No cenário no qual vimos a direita se fortalecendo e assumindo o poder, a nossa principal preocupação era como faríamos para assegurar os valores democráticos que norteiam o programa, como assegurar que esse programa não se descaracterize, que não perca o financiamento. “Neste período ficávamos monitorando e tensos se ia ou não sair o custeio”.

A ex-tutora dá continuidade dizendo que o PET tem essa característica de ser um programa federal dentro de uma universidade estadual. Assim, em 2016, mesmo em contexto de imensa crise na UERJ, quando as bolsas e salários foram suspensos, o PET não parou de pagar as bolsas e de funcionar. “Precisávamos fazer o PET funcionar, apesar do quadro do Estado, porém o PET só funcionava dentro da estrutura da UERJ”, com isso muitas atividades programadas não puderam ser realizadas. Essa realidade não era vivida nos outros programas que a nível nacional. “Precisávamos não nos fragilizar”, trabalhar.

O ano de 2016 era também o ano em que o programa estava comemorando os seus 10 anos, “Tínhamos muitos sonhos e planos de fazer uma grande festa, com mesas e debates... Passamos o ano planejando o evento, mas com muitas limitações para fazer o PET acontecer.” Informa que com isso, não foi possível comemorar em 2016 e a comemoração foi feita somente no início de 2017 e mesmo assim, com muitas frustrações o que impactou na energia do grupo. “Uma coisa que fazíamos era começar nossos encontros do PET lendo uma poesia, porque era um momento que todo mundo estava com muita dificuldade, pois em 2017 ainda tínhamos salários atrasados. Fazíamos isso para animar e criar foco de esperança e força.

Eu acho que o PET foi a nossa grande tábua de salvação, por causa dele e por estarmos no programa acho que muitos de nós permanecemos, falo de mim também e vejo que entre as bolsistas estar no PET foi o que segurou tanto a evasão institucional, quanto a saída do próprio projeto de universidade. Por isso, acho que teve um impacto nessas duas maneiras, positivo de um lado e negativo de outro, por conta dessas tensões que atravessavam o PET”.

Carla, também expõe quais foram as maiores dificuldades e os êxitos durante o seu período como tutora do PET. Informa que uma dificuldade era a permanência dos estudantes na universidade. Muitas vezes, as condições de vida impactam na capacidade de se dedicar, e exemplifica algumas questões que podem ter rebatimentos nesta dificuldade, como questões familiares e algumas situações relacionadas ao trabalho.

“Uma dificuldade que sempre encontrei na tutoria foi na questão do custeio, porque não é claro de como se dá a distribuição do recurso, existe também a dificuldade de utilizar

já que é um custeio que não chega para ser usado ao longo do ano. Gerir esse recurso de uma maneira responsável e efetiva foi uma aprendizagem. Principalmente por conta da sua característica e natureza. Assim, tínhamos muitas necessidades que não podiam contar com o recurso, tínhamos que criar nossas caixinhas para ter algum recursos para as atividades. Nos eventos muitas vezes não tínhamos recursos suficientes para viabilizar a realização dos mesmos. O ideal seria esse recurso ter dois momentos, um no começo do ano e outro no meio do ano. Havia uma dificuldade absurda de utilizar o recurso para pagar o ENAPET e SUDESTEPET”.

Para além das dificuldades, a mesma destaca também os seus êxitos enquanto tutora. “Mesmo com todas as dificuldades o programa é muito bom. A experiência do PET Serviço Social é muito coletiva... É uma potência que não vem do tutor, de uma aluna ou aluno, mas do grupo em geral”. “O PET me transformou, eu sou uma outra professora depois que passei pelo PET, muitas coisas que eu tinha dificuldade, que não era muito a minha forma de me colocar na universidade mudou após o período em que estive com o PET”.

A ex tutora enfatiza que foram feitas muitas coisas bacanas como as pesquisas que mobilizaram a universidade; os eventos que ocorreram por conta da pesquisa e exemplificou o seminário internacional de Juiz de Fora, momento esse que foi muito interessante de trabalho e troca; O Sudeste PET que teve uma experiência indescritível é um momento cômico no qual não tinha gasolina na ônibus da UERJ a caminho do evento. Foram muitas histórias para serem contadas e eternizadas. Finalizando dizendo que isso tudo fortaleceu e trouxe uma experiência que para sempre e isso irá marcar sua vida.

Ademais, deixa claro que mesmo com todas as dificuldades sempre foi necessário buscar maneiras de mostrar que é possível fazer algo de qualidade.

“O PET traz êxito também na transformação que provoca em cada um, na maneira de olhar, nas inseguranças que vão sendo superadas, confiança na sua construção como intelectual, estudante e Assistente Social”

Quando perguntada sobre quais foram os impactos do PET na Faculdade de Serviço Social, ela informa que desde que o programa foi criado, ele tem um impacto muito importante. Primeiro, ter um programa com doze bolsas é um fato muito importante. A presença de um recurso como esse já impacta positivamente. Em segundo, deixa claro que o fator do impacto acadêmico. Pois, existe uma experiência que acontece no PET que é uma formação extra e isso causa um fortalecimento acadêmico muito forte também. “Temos vários estudantes petianos que vão para o concurso, vão atuar na sua área profissional e sabemos que vão trabalhar com muita qualidade. Até mesmo podem seguir a vida acadêmica, acabando por ir para a pós-graduação. Isso faz parte de um dos objetivos da universidade, que é fortalecer a vida profissional e acadêmica”.

Expõe que para os professores também é importante, quem é tutora no PET – só tivemos mulheres à frente. Aprendemos muita coisa dentro do PET, porque não estamos diante de um programa que as rédeas estão em apenas em uma mão, elas estão em muitas mãos, pois faz parte de um grupo que prima pelo trabalho coletivo. “Aprendemos a ter que escutar, não é sempre que a nossa opinião é a que prevalece, somos questionados em reunião constantemente. É uma aprendizagem importante para o professor, que é muito soberano em sala de aula, então poder aprender essa flexibilidade, aprender a escutar, a reencontrar outros caminhos e a negociar se fazem importante”.

Por fim, finaliza dizendo que o PET tem uma importância nas políticas existentes dentro da faculdade e em uma universidade em que temos somente três PETs. Isso acaba trazendo um certo prestígio e muitas responsabilidades.

Foi perguntada também sobre a importância que a bolsa possui. Coloque que se faz muito importante, uma vez que não conseguiria realizar esse trabalho, ter essa dedicação com o programa, se tivesse que correr atrás de bolsas que possam existir por aí afim de financiar o mesmo. “Não teríamos como ter essa experiência no PET, pois ele é uma imersão, exige uma dedicação muito grande. Tanto que todo mundo que passa no PET deixa as outras atividades que possuem, pois não dá para levar tudo junto. Para isso precisamos desse suporte, não podemos dizer que é uma bolsa permanência para o docente, mas tem sua relevância para a dedicação e investimento que a tutoria precisa fazer no programa”.

Questionada sobre as contribuições que acredita ter deixado como tutora Carla diz que cada tutora que passa deixa sua marca, pelas próprias características e pela forma que o PET Serviço Social da Uerj se constitui, pois ele vai se modificando na medida em que cada tutora entra e traz sua área de estudo, de trabalho e atuação. “É um programa aberto para receber essas influências. Não são todos os programas que funcionam dessa maneira, alguns já tem um projeto estabelecido, quando o tutor entra ele adere esse projeto, mas não é o caso do PET Serviço Social. Cada docente vem trazendo as suas contribuições, e isso ajuda a fazer uma marca. Para mim ficou marcado no evento dos 10 anos do programa, porque com a linha do tempo, vimos de perto cada questão que marcou determinados períodos e tutorias”.

Enfatiza que em sua tutoria o projeto de violência de gênero foi bem estruturado e culminou no evento dos dez anos, denominado de grande evento. “Foi um evento lindo e que me marcou profundamente. A gente vinha construindo um trabalho em que eu só consegui enxergá-lo ali, naquele momento. Foi uma atividade que seguiu a tradição do PET, de um debate acadêmico junto com um debate cultural. “Quando eu entrei, eu fui buscando ver se seguiria a lógica do “metrô mangueira”, uma experiência desenvolvida pela Mônica, tutora anterior a minha entrada ou se partiríamos para algo novo, então estávamos nos encontrando. No fim, em 2017, o que de fato decidimos foi nos encaminhar para uma

pesquisa dentro da universidade, então dali fomos pensando em todas as atividades do PET em torno desse eixo”.

“No PET fizemos uma atividade que eu não sabia se daria grandes frutos, que foi lermos textos de literatura e fomos fazendo uma rotação de livros entre o grupo, de acordo com as autoras que tínhamos escolhido. Era uma experiência lúdica, em que não sabíamos como ela iria alimentar as atividades do PET, mas no final do “grande evento” apareceu uma coisa linda, apareceu toda poesia que estimulamos ao longo do tempo.

Em cada parte do evento, tinha um pouco de poesia, até no lanche que intitulamos de “lanche de macabeia”. Então essa parte lúdica das nossas atividades estava dentro do debate de gênero, raça e classe e ajudou a pensarmos em uma universidade livre de preconceitos e violências, nos fazendo perceber o quanto que ainda temos que construir dentro desse espaço um outro tipo de sociabilidade e como precisamos mudar para além de valores, as estruturas que ainda são elitistas, que ainda excluem as mulheres negras, trans, trabalhadoras. Então, conseguimos falar sobre tudo isso por meio da literatura”.

“Além disso, também teve a atividade do slam: vieram duas artistas maravilhosas e vimos mulheres lésbicas, dentro da universidade, expressando arte e falando da condição das mulheres. Esse evento foi todo pensado no grupo, ver as alunas na mesa de debate ao invés de professores foi incrível, lindo, emocionante e gratificante. Ver a culminância do nosso trabalho, de tudo que viemos construindo devagarzinho ao longo de três anos juntos”.

Finalizando exemplificado também um outro momento que foi bem importante dentro de sua trajetória como tutora. “Um outro momento bacana para mim foi a vinda do grupo de teatro “Tá na rua” na UERJ, foi um momento marcante e difícil pelo que simboliza trazer um grupo de teatro, pois não tínhamos muitos recursos para isso. Mas o grupo veio e muito movido pela situação da UERJ, pois a universidade ainda estava se recuperando da crise. O “Tá na rua” fez uma apresentação belíssima na concha acústica sobre a questão das mulheres na universidade. Os dois eventos fizeram a gente discutir a formação acadêmica de forma que não estivessem descoladas da vida e da cultura. Foi bem intenso”.

Em relação à importância do programa para a sociedade, a ex-tutora diz que acha que a ideia do PET, como um programa que junta esse tripé “Ensino, Pesquisa e Extensão”, acaba sendo um grande desafio da universidade – principalmente da universidade pública – “E como se faz isso? A gente tateia, experimenta formas, mas eu acho que a importância do PET para a sociedade está atrelada à importância da universidade para a sociedade. Se a gente entende um projeto de sociedade como algo que não se destina à formação de uma pessoa individualmente. Eu acho que a universidade cumpre o seu papel crítico, é um papel que aposta no coletivo (...) tem que enfrentar essa ideia de meritocracia (...) e tem que entender que os fracassos e os sucessos são coletivos e devem ser coletivamente compartilhados e enfrentados. No PET sabemos e acreditamos na ideia de que os

conhecimentos que são gerados coletivamente. Essa é a lógica do programa.

“Também tem uma outra coisa que o PET faz para a universidade e para a sociedade que são debates, temas que às vezes a universidade está muito engessada para discutir. (...) Vocês se sensibilizam com temas da vida e trazem isso para dentro da faculdade e provocam a faculdade a discutir essas questões também. O PET é fundamental para fazer essa universidade ficar mais porosa, permeável para a vida e não se encastelar.”

Carla, se recorda também do momento em que mais a marcou durante sua trajetória no programa. “A viagem do Sudeste PET 2018, foi um momento muito marcante. O grupo inteiro tinha ido de ônibus. Foi uma experiência que marcou muito”. Ressalta também um outro momento que a marcou bastante “Uma outra coisa muito marcante foi a Rota Cultural que a gente fez no Museu Casa do Pontal. A visita guiada foi toda cantada, um mergulho que a gente fez na arte brasileira e a gente poder sentir na pele o que são nossos artistas brasileiros (...)”

Já quando a pergunta foi sobre a relação do programa com a UERJ, Carla relata que sempre discutia no PET que faltava uma institucionalidade maior dentro da UERJ. “Isso aparecia em vários momentos, como os que já narrei aqui, foram momentos suados para conseguir ônibus, financiamento, para gente conseguir apoio institucional (...) E a gente entendia que se o PET fosse mais institucionalizado, não teríamos tantas dificuldades para realizar essas coisas”.

Em seguida, se recorda de outras questões envolvendo o programa a instituição de ensino “De um outro lado aparecia problemas com a interlocução, a interlocutora da época já vinha de muitos anos e já demonstrava interesse em querer passar para outra pessoa essa função. Assim, ela apoiava em tudo no que era possível, mas já vinha um desgaste até porque também se via muito sozinha tendo que dar conta de qualquer problema que estourava em relação ao MEC, mas ela não tinha nenhum canal direto e resolutivo dentro do MEC. (...)”.

Reforça, por outro lado, que também foram conquistadas muitas coisas dentro da universidade. “A gente teve conquistas importantes dentro da UERJ, como O Mostra PET, que era uma dentro da UERJ SEM MUROS.

Ressalta também uma certa dificuldade na época de sua tutoria, a relação entre os próprios grupos PET UERJ. Já que não havia muita interlocução entre os programas e isso poderia fazer diferença no fortalecimento dentro da universidade.

Finaliza lembrando do apoio por parte da FSS. “Vale lembrar também que sempre tivemos muito apoio dentro da Faculdade de Serviço Social.” Por fim, a ex-tutora conta como foi a influência do PET na sua vida profissional e pessoal. “O PET me transformou profissionalmente e pessoalmente. Eu aprendi muito com o PET nessa questão de trabalho coletivo profissional e pessoalmente. E no profissional, eu sou uma professora tímida e

tínhamos muitas coisas que eu não me aventurava a fazer ou quando fazia tinha que ter muita batalha para realizar.

O PET me deixou mais desinibida e eu acabei me lançando em muitas coisas e eu dizia: “isso é o PET”, porque eu não faria se não tivesse esse gás todo junto. Então, profissionalmente também me enriqueceu demais. E é sempre muito bonito de ver e de acompanhar como é que vocês vão se desenvolvendo ao longo do tempo. Fico sempre muito emocionada de ver essa entrada e saída, dos que eu pude acompanhar. Dá para gente ter uma esperança na educação, uma esperança de que faz sentido tudo o que a gente defende e faz mesmo com todas as dificuldades. É um programa muito potente! E torna cada um de nós muito potentes!”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas reafirmamos quanto o PET é um espaço de intenso aprendizado para estudantes e tutoras. Algumas questões se recolocam permanentemente: o trabalho coletivo, a força de convivência e a alegria com a socialização dos materiais elaborados pelo grupo. Da mesma forma, se recolocam problemas: bolsas baixas, não reajustadas, custeio que chega somente no final do ano, dificuldades de comunicação internas e externas.

Também as conjunturas de crise na universidade pública, as diversas gestões no nível federal e estadual nos impactam, com seu caráter mais conservador ou democrático, o que nos faz pensar: o PET acontece na vida real, com seus problemas e potencialidades. É preciso lutar por ele, estudar bastante, dialogar respeitosamente, reforçar os sentidos da sua existência, que são os próprios sentidos da universidade pública e do educar: aprender para transformar a vida, pois como nos diz Mészáros em sua obra “Educação para Além do capital”, toda educação deve servir para dar respostas aos problemas do seu tempo.

As novidades contidas em cada tutoria, em cada bolsista que chega, que cresce, caminha e segue para a vida profissional nos (re)fortalecem para enfrentar as adversidades.

Neste emaranhado, construímos o PET Serviço Social com cuidado e dedicação.

O PET existe porque resiste. Viva o PET.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carla. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

BARBOSA, Rosângela. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

MARLOVA, Elaine. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

TEREZA, Alba. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021

## PET SERVIÇO SOCIAL UERJ 15 ANOS DE MEMÓRIA: À CONJUNTURA POLÍTICA DO BRASIL ENTRE O PERÍODO DE 2006 A 2021 E OS IMPACTOS GERADOS NO PROGRAMA

Thayná Osório Monteiro

Catarina Almeida dos Santos

Danielle Gomes de Oliveira

Fernanda Cristina de Assis Silva

Heliziane Franco de Oliveira

Jônatas dos Reis Nogueira

Larissa Cardozo Teixeira

Liandra Priscilla Paz Santos

Luana El-Amme Jayme

Mayara Mendes de Oliveira

Natalia da Silva Neves

Rosiane Bettecher da Silva

Simone Eliza do Carmo Lessa

### INTRODUÇÃO

O PET Serviço Social UERJ comemora 15 anos de fundação em 2021. Por este motivo, pretendemos neste trabalho, revisitar sua memória através dos relatos de tutoras egressas, analisando, através de suas falas, a importância do Programa para sociedade e seus impactos para estudantes que integram o mesmo. Além disso, conheceremos a dinâmica do Programa à época de cada tutoria e como a conjuntura daquele momento afetou direta ou indiretamente o PET. Este trabalho é um dos desdobramentos e ações comemorativas da nossa pesquisa sobre os 15 anos do PET Serviço Social UERJ.

### METODOLOGIA

A fim de resgatar a história e revisitar a memória, o grupo de 12 bolsistas, dividiu-se em trios para realizar as entrevistas com as tutoras egressas. As entrevistas ocorreram pela plataforma *Google Meet*, devido ao contexto de pandemia da COVID-19. Foi elaborado um roteiro de onze perguntas, que subsidiou a análise sobre o período histórico, a importância do Programa para as tutoras, para os/as/es alunos/as/es e para toda a comunidade externa, bem como o papel do PET para a sociedade. Após a entrevista, debatemos em grupo as semelhanças, diferenças e curiosidades

**RESUMO:** Este trabalho foi pensado no intuito de resgatar a memória do Programa de Educação Tutorial (PET) da Faculdade de Serviço Social (FSS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que em junho de 2021 completou 15 anos de existência. Neste resumo, tratamos da conjuntura e do cenário político que atravessou o Programa ao longo deste período e seus impactos, a partir de entrevistas realizadas pelas/os bolsistas com as tutoras atuantes entre 2006 e 2019.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Educação, Universidade.

observadas a partir da conjuntura à época de cada tutoria.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

No ano de 2006, a UERJ conquistou mais um grupo PET. A docente Rosângela Barbosa, primeira tutora do PET Serviço Social UERJ, fundou o grupo pensando em sua independência e na oportunidade de ter as bolsas. A condução do Governo Federal por uma gestão de perfil popular impactou no projeto educacional nas universidades. Este período de implementação inicial do PET na UERJ é visto por Rosângela como fundamental para trazer visibilidade ao Programa, destacando sua tríade composta pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Em sua entrevista com o grupo, a ex-tutora destaca a importância da extensão para tornar público o que era produzido pelos/as/es bolsistas e assim tornar o Programa mais conhecido na comunidade interna da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Em 2008, a docente Alba Tereza ingressou como tutora e esteve no programa durante o Governo Lula, momento de grande investimento em políticas compensatórias, ampliando o acesso ao ensino superior, além de políticas de permanência, provendo bolsas de pesquisa. Em sua entrevista, Alba pontua que a UERJ teve impacto no ensino superior nacional por ser pioneira na institucionalização da política de cotas desde 2003. A tutora egressa destaca que houve um crescimento no número de cotistas, inclusive no PET, pois a bolsa permanência, antes com a duração de 1 ano, passou a ter vigência por toda a graduação. Em compensação, havia atraso nos pagamentos destas, o que prejudicava a permanência dos/as/es discentes. Cabe destacar que o período é marcado por muitas conquistas para o grupo, como a articulação com o Línguas para a Comunidade UERJ (LICOM-UERJ), programa de extensão do curso de Letras, que oferece aprendizado de idiomas para a comunidade.

Em 2010, início do governo Dilma, Elaine Marlova assume a gestão do PET. Em sua entrevista, a ex-tutora relata que a Universidade passava por dificuldades financeiras que seriam agravadas em gestões posteriores.

Os efeitos do governo Dilma, no que se refere às universidades, foram diversos, continuando com o que Lula havia iniciado. Destacam-se as políticas de fomento ao ensino superior, pela via privada, como o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que ampliava as instituições de formação da rede federal, nem sempre com as melhores condições.

Marlova expõe que durante sua gestão, o pagamento de bolsas no PET ganha uma estabilidade em comparação a outras gestões, mas a verba do custeio era um problema, pois somente chegava em dezembro e era preciso que as compras e a prestação de contas

fossem realizadas em um curto prazo de tempo, algo que, segundo a ex-tutora, compromete o planejamento das atividades e que marca o Programa, ainda hoje.

Segundo Marlova, um importante passo para o programa foi a criação da Portaria nº 976, de 27 de julho de 2010, que regulamenta o PET e democratiza o acesso ao Programa, buscando romper com seu perfil elitista. A ex-tutora compara o PET ao mico-leão-dourado que “está em extinção, mas precisa ser cuidado” e cita que, se olharmos a história, o PET era um programa que poderia ser descartado, mas que resistiu e resiste, mesmo diante de tantos ataques. Logo, torna-se perceptível que sua força advém da luta coletiva de discentes e docentes que compõem o Programa. Para Marlova, o PET demanda luta, pois não impacta somente a vida e formação de quem faz o programa, mas também a comunidade interna e externa à Universidade.

Após a tutoria de Marlova, o grupo foi comandado pela docente Mônica Alencar, porém, devido a questões de saúde, não conseguimos realizar sua entrevista. Nesta tutoria, o PET atuou junto à favela Metrô Mangueira, mapeando perfis das famílias que estavam sendo despejadas, oferecendo subsídios. Além disso, realizou um importante evento sobre os 50 anos da ditadura civil-militar no Brasil, resgatando histórias e pensando seus impactos na educação e na profissão. Mônica Alencar nos deixou em 2022, mas seu legado de afeto, competência e inteligência permanece.

Mais adiante, no ano de 2016, em meio a maior crise vivenciada pela UERJ, entre greves, desfinanciamento, falta de salários e paralisações, Carla Almeida assumiu a tutoria do PET com muitos desafios, sendo um deles, a busca por saídas que mantivessem as reuniões semanais do grupo, naquele momento de crise, uma vez que precisávamos prestar contas ao MEC. Segundo Carla, os encontros ocorreram de formas distintas: o grupo se revezava entre se reunir presencial e virtualmente, devido ao perigo apresentado em ir à UERJ sem que houvesse a corriqueira movimentação provocada pela presença de alunos/as/es e funcionários/as/es. Ademais, no período de crise em que outros grupos de extensão se mantiveram sem bolsas, o PET Serviço Social UERJ caracterizado como programa federal dentro de uma universidade estadual, continuou a receber seus recursos financeiros. Contudo, no cenário em que a direita se fortalecia e havia assumido o poder após o golpe sofrido pela então presidenta Dilma Rousseff, a preocupação do grupo consistia em assegurar os valores democráticos que norteiam o PET e preservá-los para que não houvesse uma descaracterização de concepções. Outra preocupação dizia respeito ao financiamento do programa.

Salienta-se que os discursos conservadores e fascistas ganharam forças com a ascensão da direita na sociedade com impactos dentro da universidade. Na época, a pesquisa que seria produzida pelo PET Serviço Social estava relacionada ao tema “gênero, raça e classe”. Com receio de sofrer retaliações, o grupo optou por esperar pela aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa referente à proposta que havia sido desenvolvida. Com

isso, haveria respaldo institucional antes que saíssem a campo para a coleta de dados. Para Carla, esta pesquisa e o debate que promoveu após a sua finalização, em um evento realizado dentro da faculdade de Serviço Social, auxiliou que discentes e docentes construíssem dentro deste espaço uma outra sociabilidade, distante de concepções preconceituosas.

## CONCLUSÃO

O estudo da história através da produção da memória do PET Serviço Social UERJ é uma ferramenta fundamental para a análise do presente e a construção de projetos futuros; se debruçar sobre o passado é entender que as experiências vividas e as sequências de acontecimentos são tendências e desafios ainda atuais. Pudemos inferir que o PET Serviço Social UERJ passou por diversas conjunturas sociopolíticas e mudanças estruturais em sua trajetória ao longo dos seus quinze anos. Em meio ao constante sucateamento, ao desmonte da educação pública e ao subfinanciamento permanente da pesquisa no Brasil, a história do Programa é a amostra de uma trajetória de resistência e luta para a formação e consolidação de uma universidade pública de qualidade.

Através da memória de cada tutora egressa, pudemos observar que esses impactos se apresentam de forma diferenciada, entretanto, alguns padrões permanecem, como o atraso nas bolsas e a dificuldade no recebimento e uso do custeio. Destarte, a memória coletiva se faz fundamental na aprendizagem e permanência do Programa, pois permite o reaproveitamento das experiências do passado, ajudando a garantir a sua continuidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. PORTARIA Nº 976, DE 27 DE JULHO DE 2010. Dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial – PET. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14912-portaria-n-976&category\\_slug=dezembro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14912-portaria-n-976&category_slug=dezembro-2013-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ALMEIDA, Carla. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

BARBOSA, Rosângela. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

MARLOVA, Elaine. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

TEREZA, Alba. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

## **SOBRE OS AUTORES**

**AMANDA GOULART DOS SANTOS MACHADO** - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

**BRUNO HIAGO DOS SANTOS FERREIRA** - graduando em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2022.

**CARLA CRISTINA ALMEIDA** - professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**CATARINA ALMEIDA DOS SANTOS** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2017.

**CLAUDEMILSON ANDRADE MARTINS DA CUNHA** - graduado em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiano egresso.

**DANIELLE GOMES DE OLIVEIRA** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2019.

**FERNANDA CRISTINA DE ASSIS SILVA** - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

**FERNANDA FEITOSA GÓES TERRA LACHINI** - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

**HELIZIANE CRISTINA FRANCO DE OLIVEIRA** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2018.

**ISABELA DE ARAÚJO DOS SANTOS** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2021.

**JÔNATAS DOS REIS NOGUEIRA** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2020.

**LARISSA GONÇALVES GOMES** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2021.

**LARISSA CARDOZO TEIXEIRA** - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

**LIANDRA PRISCILA PAZ SANTOS** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2020.

**LUANA EL-AMME JAYME** - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

**LUCAS GOMES SIMPLICIO** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2021.

**MAYARA MENDES DE OLIVEIR** - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

**NATALIA DA SILVA NEVES** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

**PRISCILLA NUNES ALVES MOREIRA** - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

**RAFAELLA PERES ENNES DE SOUZA** - graduada em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana egressa.

**RENAN BARROS** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2021.

**ROSIANE BETTECHER DA SILVA** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2017.

**SIMONE ELIZA DO CARMO LESSA** - assistente social com experiência na política de educação, tutora do PET de 2019 a 2022, Professora Adjunta no Departamento de Política Social, da Faculdade de Serviço Social/UERJ.

**THAYNÁ OSÓRIO MONTEIRO** - graduanda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e petiana ingressante em 2019.



# QUINZE ANOS do PET SERVIÇO SOCIAL:

memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados

-  [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)
-  [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)



QUINZE ANOS  
— do —  
PET SERVIÇO SOCIAL:

memórias, aprendizado e permanência estudantil entrelaçados

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)